INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A construção mediática da Coreia do Norte enquanto ameaça nuclear internacional na imprensa portuguesa

Pedro Henrique Dionísio Nascimento

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Pedro Pereira Neto, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

A construção mediática da Coreia do Norte enquanto ameaça nuclear internacional na imprensa portuguesa

Pedro Henrique Dionísio Nascimento

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Pedro Pereira Neto, Professor Auxiliar Convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

Agradecimento

Primeiramente, ao professor Pedro, pela sua disponibilidade, honestidade, experiência e pelo indispensável auxílio, fundamental no desenvolvimento deste projecto.

Em segundo, à família, que sempre esteve presente quando mais necessitei, pela motivação e pelo apoio constante ao longo desta jornada.

E por fim em terceiro, ao Artur, ao Manel e ao resto da *maltinha* pelas várias discussões, trocas de ideias, jantaradas e outros momentos que se partilharam, transmitindo-me forças e levando-me a refletir sobre o projecto.

Resumo

Durante as últimas décadas, a península coreana têm sido um palco de imensas turbulências político sociais e económicas. O interesse norte coreano em continuar a desenvolver o seu armamento nuclear, aliado a um conjunto de relações diplomáticas hostis, proporcionou uma ansiedade coletiva sobre a problemática coreana. A presente dissertação procurou analisar como é que a Coreia do Norte foi construída mediaticamente na comunicação social portuguesa, especificamente no jornal Público e Observador. Assim, fez-se uso do método Misto, decidindo-se realizar uma análise de conteúdos categorial temática a 526 peças noticiosas que correspondem à cobertura total do ano de 2017, em ambos os jornais. Através da análise compreendeu-se que país liderado por Kim Jong-un é apresentado como uma nação que contrasta com as democracias internacionais e que vive uma situação bastante específica. A sua cobertura é associada a três temáticas principais: 1) Programa nuclear; 2) Diplomacia; 3) Estado norte coreano. Ou seja, a cobertura mediática da Coreia do Norte resume-se à sua agenda nuclear, ao respetivo desenvolvimento e a todas as reações diplomáticas geradas. Simultaneamente, esta forma de representar a Coreia do Norte entra em conformidade com as estruturas de vários outros grupos mediáticos internacionais.

Palavras-chave: Imprensa, Enquadramento, Coreia do Norte, Armas Nucleares, Diplomacia, Kim Jong-Un

Abstract

Over the past few decades, the Korean peninsula has been the scene of immense political, social, and economic turmoil. North Korean interest in continuing to develop its nuclear weapons, coupled with a set of hostile diplomatic relations, has generated global concerns about the Korean problem. This dissertation sought to analyse how North Korea was portrayed in the Portuguese media, namely in the Público and Observador newspapers. Therefore, the mixed method was used, and a categorical thematic content analysis was chosen to interpret 526 news articles, which corresponds to the total coverage of 2017 in both newspapers. Through the analysis of the content published, it was understood that the country led by Kim Jong-un presents itself as a nation that contrasts with international democracies and that experiences a very specific situation. Its coverage is associated with three main themes: 1) Nuclear program; 2) Diplomacy; 3) North Korean state. In other words, North Korea's media coverage boils down to its nuclear agenda, its development and all the diplomatic reactions it generates. At the same time, this way of depicting North Korea corresponds to how other international media groups represent this nation.

Keywords: Press, Framing, North Korea, Nuclear Weapons, Diplomacy, Kim Jong-Un,

Índice

Introdução 1

Capítulo 1. Enquadramento Teórico 3

1.1. A pragmática da linguagem 3

1.2. Teoria do acontecimento 4

1.3. Framing 6

1.3.1. Framing mediático e a Coreia do Norte 9

1.4. O pânico moral 10

1.4.1. Pânico Moral e o caso da Coreia do Norte 12

1.5. Kim Jong-un e a imprensa livre 13

Capítulo 2. Enquadramento Temático 17

2.1. Contextualização do programa nuclear 18

Capítulo 3. Enquadramento Metodológico 23

3.1. Objeto 23

3.2. Método 23

3.3. Limitações 24

3.4. Amostra 25

Capítulo 4. Análise e interpretação 27

4.1. Apresentação dos dados 27

4.2. Interpretação dos dados 33

4.3. O Público e o Observador 41

Capítulo 5. Considerações finais 45

Referências Bibliográficas 47

Anexos 51

Introdução

A agenda nuclear norte coreana têm sido um tema internacional significativo desde há algumas décadas. Especialmente nestes últimos anos, notou-se uma grande intensificação desta temática: o debate aceso entre as seis nações no centro da problemática e a cobertura mediática correspondente centrou a Coreia do Norte nas mesas de debates internacionais.

A Coreia do Norte mostra-se um objeto mediático único, com traços que a diferenciam de outras nações, sendo o seu regime um dos aspetos com mais peso nesta diferenciação. A sua rigidez, inflexibilidade, secretismo, soma-se ao contraste com outros princípios morais, religiosos, éticos e ideológicos alimentando as interpretações e as posições que o mundo ocidental recria sobre a Coreia do Norte. O facto de ser um país extremamente isolado permite não só um posicionamento diferente por parte dos média, mas constitui também um desafio quando pretendem cobrir eventos norte coreanos. Em eventos de negociação internacionais, qualquer temática de natureza interna à Coreia do Norte torna-se rapidamente muito mais abstrata e densa, criando assim uma barreira enorme aos jornalistas, sujeitando os mesmos a tornarem-se reféns de fontes oficiosas ou governamentais para poderem desenvolver as suas peças noticiosas, o que pode influenciar a peça jornalística.

O armamento nuclear e a forma como é coberto pelos meios de comunicação é de uma importância extrema. O poder da imagem de um míssil balístico aliado a relações diplomáticas voláteis, pode rapidamente criar um clima de instabilidade na esfera pública. A forma e o posicionamento que a comunicação social assume nos seus artigos noticiosos são críticos na medida em que contribuem para estruturar uma posição ideológica sobre um determinado objeto. É imperativo, especialmente em casos tão sensíveis como a agenda nuclear norte coreana, que exista um processo rigoroso e transparente no desenvolvimento de conteúdos noticiosos, de forma a promover um pensamento crítico sobre o assunto e evitar predisposições e preconceitos (Dalton, Jung, Willis & Bell, 2015).

O interesse pelo tema desta dissertação nasce exatamente de contribuir para os estudos dos média aprofundando a forma como a imprensa portuguesa representa determinados objetos, designadamente se a Coreia do Norte é construída, mediaticamente, enquanto ameaça nuclear internacional, em dois jornais portugueses, o Público e o Observador, em 2017.

Alguns autores refletem especialmente sobre o posicionamento que algumas entidades noticiosas adotaram sobre esta temática. Nos média australianos por exemplo, é comum encontrarmos uma linguagem *"muitas vezes desumanizante e redutiva, associando metaforicamente a Coreia do Norte e o seu regime a comportamentos anormais e irracionais"* (Dalton et al., 2015). Em outros estudos, centrados nos Estados Unidos da América, as narrativas jornalísticas centravam-se essencialmente em três enquadramentos específicos: "ameaça militar, direitos humanos e parceiro de diálogos" (Lim & Seo, 2009). Se partirmos do princípio de que a opinião pública será muito mais suscetível a ser influenciada quando retratamos um evento para lá da nossa experiência e vivência quotidiana (Lim & Seo, 2009), rapidamente fazemos emergir a importância que a neutralidade e o combate ao sensacionalismo possuem no desenvolvimento de artigos noticiosos referentes à agenda nuclear norte coreana.

O seguinte trabalho irá estruturar-se da seguinte forma: primeiramente uma introdução à literatura relevante para a realização deste projecto, seguida de uma pequena contextualização do programa nuclear norte coreano e das reações por parte da comunidade internacional sobre o mesmo. Após isto, segue-se um capítulo metodológico que descreve os vários aspetos de pesquisa deste projecto acompanhado pelo quarto e último capítulo onde é apresentada os resultados da pesquisa e a respetiva interpretação dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

Enquadramento teórico

1.1. A pragmática da linguagem

A linguagem mostra-se como um elemento fulcral no desenvolvimento da temática em questão. É uma ferramenta comum a todos nós, que possibilita o desenvolvimento da vida em sociedade e das nossas atividades quotidianas, permitindo-nos expressar, representar e interpretar as mais variadas interações na vida social. A linguagem consiste essencialmente num mecanismo inerente ao ser humano capaz de produzir e decifrar sentido, desconstruindo os mais variados signos cada vez mais omnipresentes nas novas sociedades globalizadas.

Um autor pioneiro na formulação do conceito de linguagem, e que estabeleceu a linguística enquanto disciplina independente foi Ferdinand de Saussure. Segundo o mesmo, existem diferenças fundamentais entre a linguagem e a língua, sendo a segunda uma manifestação da primeira. Enquanto que a linguagem corresponde a um mecanismo individual, a língua é um código partilhado pelo qual a linguagem se descreve. Para o autor a língua é construída a partir de um sistema de signos (Reda, 2016) que consiste numa dualidade entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). A relação entre o significante e o significado é arbitrária, a associação de um ao outro deve-se ao contexto sociocultural (Reda, 2016; Antaki et al, 2003) de cada comunidade e a mesma não é permanente. Conforme uma comunidade se desenvolve, a língua modifica-se simultaneamente.

Apesar desta visão estruturalista clássica, vários autores interpretaram a língua de formas conceptualmente diferentes. Noam Chomsky descreve a língua a partir de um ponto de vista biológico, aproximando as ciências sociais das ciências naturais. O autor atribui às características biológicas de cada um de nós um papel fulcral no desenvolvimento da língua, sugerindo que as mesmas são inerentes à capacidade cognitiva dos indivíduos. Chomsky entrega às ciências naturais uma função muito mais significativa na conceptualização da linguagem, centrando o indivíduo na essência do processo linguístico e isolando-o do contexto social (Leite, 2010).

Por outro lado, Mikhail Bakhtin, chama atenção precisamente para este último aspecto. Para o autor, o peso que o contexto sociocultural possui é fundamental para a formulação da língua. É através das várias interações na vida social que a essência da mesma é definida, ou

seja, deixamos de pensar a língua enquanto uma manifestação individual e passamos a interpretá-la enquanto resultado da sua extensão para outras áreas sociais e culturais: "O autor concebe uma visão de linguagem (…) que supõe compreender língua e sociedade como sendo complementares e tendo relações dinâmicas." (Leite, 2010. P.229). Bakhtin, ao contrário dos autores anteriores, não vê a língua como um fenómeno estruturalista ou mental, mas sim como um fenómeno social. É importante referir que apesar de Saussure compreender a linguagem enquanto uma ocorrência social, nunca a analisou a partir deste mesmo princípio (Leite, 2010). É a partir da contribuição de Bakhtin que passamos a olhar para a linguagem enquanto uma ferramenta capaz de decifrar os eventos sociais, ou seja, um fenómeno constitutivo da realidade e da vida social.

Sendo um mecanismo construtor da realidade, a língua deixa de ser apenas um instrumento comunicativo e passa a exercer uma função ativa na forma como descodificamos e interpretamos outros campos na sociedade, como por exemplo os media. Nos dias de hoje, a comunicação social possuí um papel holístico e contínuo na representação dos eventos sociais. Desde acontecimentos locais a eventos internacionais, os media possuem a responsabilidade de compor e codificar a realidade em textos noticiosos relevantes para a sua audiência. Tanto o jornal físico, como a radio até à internet, a ferramenta principal que determina toda a sua existência é a competência linguística presente no meio. Todo este processo nasce e acaba nos limites da linguagem e é a partir da mesma que os media significam o meio social. Este, é o pormenor chave que centra os media enquanto construtores de uma realidade, e que permite aos mesmos influenciar determinados aspetos do contexto social em que nos inserimos.

1.2. Teoria do acontecimento

Apesar do anteriormente disposto, a realidade é dotada de particularidades específicas que definem a estrutura que a mesma assume no meio mediático. A própria "realidade" possui várias camadas sendo uma experiência neutra e bastante complexa. A interpretação que cada um de nós faz sobre um evento é acolhida dentro de vários padrões, valores e ideologias individuais que definem o nosso posicionamento sobre esse evento, sendo impossível absorver a realidade enquanto um fenómeno total, mas será sim uma interpretação sobre o mesmo.

Distinguimos assim "facto" de "acontecimento": um facto corresponde à realidade no seu estado puro, é a ação que decorre no seu estado natural sem quaisquer precedentes; o acontecimento é a forma como interpretamos esse mesmo facto (Anunciação, 2011). É uma construção social do mesmo, filtrada pelas variáveis relevantes a cada indivíduo. A essência do

acontecimento deriva do contraste que um determinado evento produz sobre o quotidiano, apenas sendo relevante o momento que rompa com a normalidade; com a sequência diária de eventos que constituem a vida social (Lana & França, 2008). O acontecimento será o elemento a salientar nesta diferenciação devido á importância interpretativa presente no processo. A comunicação social possui um papel fulcral no desenrolar das sociedades modernas e o processo de como a mesma transforma um facto num acontecimento, é essencial para a sua compreensão.

Os acontecimentos possuem naturezas diferentes: nomeadamente resumem-se a eventos de natureza privada e natureza pública. Os de natureza pública são o género de eventos com o qual a comunicação social se preocupa (Silva, 2012). Estes acontecimentos são os que possuem valor para o meio por integrarem-se no círculo social das pessoas. Simultaneamente, o acontecimento não será homogéneo. A forma como os media concebem e organizam a informação não representa a realidade na sua génese, visto que um texto noticioso não terá a capacidade de ir muito mais além do que a simples representação de um evento. Um texto noticioso é um produto mediático, logo irá ter um conjunto determinado de valores e características familiares a esse género de produto. A forma como o jornalista interpreta um evento em conjunto à pressão organizacional que é exercida sobre o mesmo, irá fazer-se refletir no produto final.

Assim, passamos a falar de "acontecimento mediático". É o acto de reconstrução da realidade perante as características do trabalho jornalístico, e das necessidades dos sistemas mediáticos, adotando estruturas e modelos específicos estandardizados neste universo (Mouillaud, 1997 como citado em Silva, 2012). O acontecimento passa a ser apresentado como uma problemática ou uma relevância dentro de um determinado contexto e espaço temporal, transformando o seu sentido e as predisposições sobre o mesmo. O valor-notícia (conjunto de critérios que influenciam a escolha de noticiar determinados eventos sobre outros, consoante a sua relevância, proximidade e atualidade) torna-se num marco legítimo que dignifica aquilo que deve ou não ser noticiado e a própria capacidade influenciadora e disseminadora presente nos meios de comunicação contribui tanto para a escolha de eventos como os próprios podem ser construídos ou manipulados com esta capacidade em mente. Molotch e Lester (1993, como citado em Silva, 2012) referem-se à comunicação social enquanto um "mecanismo produtor de acontecimentos", exemplificando a capacidade estrutural que a mesma possui.

A esfera pública será assim afetada pelos eventos que os media valorizarem, tanto pela sua amplitude de cobertura como pelo seu impacto de rutura no meio. A opinião publica poderá ser mais influenciada pelas contribuições que a comunicação social insere no meio, conduzindo

a atenção das pessoas para determinados assuntos e legitimando-os enquanto um problema. É curioso, como a atenção coletiva sobre o armamento nuclear é construída de uma forma desigual, dependendo do país. Tendemos a não achar estranho ou preocupante quando um país que nos és culturalmente próximo procura expandir o seu armamento nuclear. Nem sequer é um tema que suscite interesse ou que seja abordado no quotidiano mediático enquanto uma problemática internacional. No caso da Coreia do Norte já existe uma narrativa comum pela qual a cobertura se completa, muito devido ao seu contexto histórico-social (Curran & Gibson, 2019).

Contudo, o acontecimento mediático no seu todo, conjura determinados efeitos tanto a nível macro como micro. A um nível mais individual, os acontecimentos mediáticos ajudam as pessoas a fazerem sentido do seu mundo e do contexto em que se inserem, compreendendo a realidade individual em contraste à realidade para lá da experiência particular de cada um. Ao nível social, o acontecimento serve para marcar e enfatizar estatutos sociais, posições socioeconómicas e políticas, e contribui para a estruturação de sentido dentro de determinadas comunidades (Dayan e Katz, 1992, como mencionado em Vieira, 1999).

1.3. Framing

São frequentes as notícias produzidas sobre a Coreia do Norte, notícias estas que tendem a refletir aquilo que diferencia a Coreia do Norte do mundo ocidental: descrevemo-la quase como um evento fora da experiência comum. Somos informados dos vários lançamentos de mísseis, levados a cabo como forma de protesto; das paradas e marchas militares; da agitação originada pelas negociações; do confronto entre os chefes de estado; dos novos planos económicos e das novas sanções económicas impostas. A estrutura que todo este conteúdo noticioso assume e a forma como é direcionado é fulcral para o entendimento daquilo que é disseminado às audiências. Devido a tal e para uma melhor compreensão e descodificação do trabalho jornalístico, será introduzida uma das ferramentas teóricas com mais relevo para o desenvolvimento desta dissertação.

É na década de 50 que Gregory Bateson conceptualiza pela primeira vez o conceito de *framing* (enquadramento), abordando-o a partir do seu ponto de vista básico estrutural. Neste sentido, era uma ferramenta utilizada pelo autor para compreender como as pessoas interagem, entre si e no contexto social, ao atribuir determinados sentidos às várias mensagens (Mangana, Piñeiro-Navel, Morais, 2020). Posteriormente a Bateson, o conceito de framing acaba por ser aprofundando por Erving Goffman que reflete sobre a importância que um quadro (*frame*)

possui num contexto sociocultural, e que é através dele que as pessoas são capazes de atribuir sentido e organizar a vida social, atribuindo e hierarquizando valor aos objetos e eventos que fazem parte da experiência de cada uma. Isto, é alcançado através do que o autor denominou de *"primary frame"*, sendo este a resposta individual e instantânea a um evento particular. Primário, pois este *frame* não está dependente ou subjugado a qualquer outra representação.

Goffman interpreta a estrutura fundamental do *frame primário* de duas formas: A primeira, denominada de *"frame natural"* corresponde aos eventos *"puramente físicos"*, isto é, que ocorrem no meio sem qualquer ação complementar, onde existe uma compreensão por parte dos indivíduos que é um evento de origem natural, espontâneo, imperturbável e completo. A segunda, designada de *"frame social"* representa todos os eventos no qual o seu princípio é baseado em circunstâncias sociais, onde existe uma manipulação e domínio do evento em si. Resulta de um todo, da cultura e das ligações sociais. O mesmo, é construído sobre o *frame* natural e estabelece um conjunto de regras (voluntariamente ou involuntariamente) que discrimina o evento. Essencialmente, resume-se á capacidade que o meio social possui, de influenciar o resultado de um determinado episódio. Goffman ilustra o conceito com o seguinte exemplo: *"Quando o Sol nasce, manifesta-se um frame natural; quando a cortina é puxada para baixo, constitui-se um frame social"* (Goffman, 1974, p.24).

No entanto, autores mais recentes chamam atenção para o papel manipulativo que existe dentro da constituição de um frame, e a capacidade que o mesmo têm de alterar a perceção das pessoas num espaço comunicativo. Apesar de o *frame* estar presente nas várias disciplinas e de se mostrar um termo abrangente, é dentro da esfera da comunicação que se considerou com um grande interesse, a função que o frame desempenha em conteúdos mediáticos. Aquela que será a definição mais popular será a proposta de Entman em 1993: *"enquadrar é o acto de selecionar determinados aspectos de uma realidade percecionada e de os tornar mais salientes num contexto comunicativo, de forma a promover uma definição de um problema particular, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou recomendação de como tratar o objecto descrito."*[1] (Entman 1993, p.52 como citado em Weaver 2007). O enquadramento resulta da capacidade e da flexibilidade de um conjunto determinado de elementos serem moldados, reestruturados e agrupados conforme a intenção de quem constrói textos noticiosos - um "ponto de vista" de um determinado jornalista, impresso num produto noticioso, alcançado através da colocação ou omissão de determinados detalhes e informação, da forma que a linguagem assume e das respetivas estratégias discursivas; das personagens que são destacadas dos

[1] Tradução própria

elementos audiovisuais usados. Assim, podemos identificar o confronto que existe na transação de informação. Um jornalista, ao desenvolver uma peça noticiosa sobre determinada temática, irá enquadrá-la de uma determinada forma, de acordo com as suas ideologias e os princípios organizacionais que são exercidos sobre o mesmo (Scheufele, 1999). Essa mesma peça, ao ser disseminada, irá ser decifrada e enquadrada por cada indivíduo a partir dos seus valores e experiências pessoais, complexificando e individualizando o processo.

Contudo, é preciso frisar que o framing não é um processo homogéneo ou que engloba todos os intervenientes da mesma forma: é um processo de múltiplas etapas individuais com diferenças estruturais consoante quem interpreta. Dois conceitos de framing são assim cunhados, frames de media e frames individuais (Scheufele 1999). Os frames de media correspondem aos enquadramentos trabalhados pelas entidades noticiosas para dar sentido e uma narrativa a eventos dentro de determinado contexto a transmitir às audiências (Yang, Atkin & Lau, 2014). Os frames individuais são construídos a partir da especificidade de cada indivíduo, um "aglomerado de ideias" que estruturam e definem o nosso "processamento de informação" (Entman, 1993, p.53). O frame não indica à audiência quais os temas sobre que deve pensar (isto, seria da ordem do modelo de *agenda setting*), mas consegue, convidar os indivíduos a pensar os temas de determinada forma, limitando outras formas de interpretação por parte da audiência.

A forma como os média produzem as suas narrativas noticiosas traduz-se em categorias de frames comuns (Semetko & Valkenburg, 2000):

1) *frame "interesse humano"* corresponde essencialmente ao uso do elemento humano dentro das narrativas, de forma a introduzir um aspecto emocional. Em temas mais sensíveis muitas vezes este frame convoca a capacidade emocional da audiência e promove uma predisposição mais negativa (Cho and Gower, 2006, como citado em An, Gower 2009);
2) *frame "atribuição de responsabilidade"* visa responsabilizar por um evento um individuo, entidade ou grupo. É preciso notar que este frame tanto é usado a partir de um ponto de vista negativo, mas também positivo;
3) *frame "conflito"* concentra-se na disputa de que se reveste o evento, caracterizando indivíduos, grupos e entidades;
4) *frame "económico"* concentra-se nas consequências económicas que um determinado evento causou ou pode vir a causar;
5) *frame "moral"* introduz o evento num quadro de valores morais e religiosos, formatando a maneira como olhamos para o mesmo.

Os mesmos são interessantes porque vincam a forma como a audiência é convidada a interpretar acontecimentos, e muitas vezes privam-na de pensar através de formas alternativas.

1.3.1. Framing mediático e a Coreia do Norte

Ao longo do tempo a Coreia do Norte tem sido construída mediaticamente segundo alguns destes *frames*. Especificamente o *frame de conflito e o frame interesse humano*, constituem a forma mais habitual de retrato mediático da Coreia do Norte, centralizando-se na tensão existente face a outros países e organizações e nas respectivas negociações. A própria forma como a Coreia do Norte se apresenta - um estado totalitário estalinista, numa era em que estas formas de governo parecem antiquadas e obsoletas em contraste com uma era digital globalizada instantânea, onde existe circulação livre de bens, pessoas e de capital (Curran & Gibson, 2019) - pode servir como um pretexto e um vinco de diferenciação. Os autores refletem sobre a relação entre a Coreia do Norte e o catálogo de frames pré-existente nos media norte americanos: por ser um estado comunista já existe um conjunto de elementos predefinidos que formam um enquadramento.

O *frame* de *"atribuição de responsabilidade"* é comum também na forma como a Coreia do Norte é retratada: Gusterson (2008) refere que nos média norte americanos, durante o acordo de 1994 entre os Estados Unidos da América e a Coreia do Norte, existiu uma grande cobertura mediática sobre as obrigações do lado dos norte coreanos, superior às obrigações dos norte americanos, e que raramente se mencionava as falhas dos EUA relativas ao mesmo acordo. Curran e Gibson (2019), ao analisarem os cinco websites de notícias mais populares nos Estados Unidos da América, concluíram que todas as entidades analisadas atribuíam *"a responsabilidade"* pela tensão existente na península, à Coreia do Norte, e depois ao seu líder Kim Jong-Un. Tal como os autores referem *"Não é novidade que a cobertura norte americana sobre a Coreia do Norte tende a concentrar-se na ameaça militar que a mesma representa para os EUA e os seus aliados, Coreia do Sul e o Japão. Por se encaixar perfeitamente nestes frames existentes, a cobertura da Coreia do Norte tende a ser repetida ao longo dos anos, e permanece praticamente inalterada (...)"*[2] (Curran & Gibson, 2019, p.7).

Os autores concluem simultaneamente que a população norte americana, estará predisposta a reagir negativamente a representações norte coreanas nos meios de comunicação. Galtung (2003) sugere uma aproximação mais pacífica e a promoção de trabalhos em torno de

[2] Tradução própria

jornalismo para a paz como uma forma original de combater enquadramentos pré-selecionados e narrativas dominantes (Curran & Gibson, 2019).

1.4. O pânico moral

Contudo, dada a natureza do conteúdo mediático que aborda a Coreia do Norte - isto é, notícias sobre novos lançamentos de mísseis, sobre novos exercícios militares, novas sanções económicas, novas advertências de ambos os lados e novas promessas e ameaças por parte de Kim Jong-Un - sugerir que a Coreia do Norte é uma temática delicada que provoca agitação na audiência não será um equívoco. A destruição massiva que pode ser causada pelas novas tecnologias militares é reconhecida por todos nós e sempre foi alvo de grandes discussões e preocupações. Quando a administração Reagan adotou um discurso agressivo sobre as armas nucleares, pronunciando-se sobre as mesmas como uma maneira de ganhar uma guerra e não de a evitar (até este momento as armas nucleares eram vistas como uma forma de evitar a guerra, e não de participar numa, especialmente nuclear) o que vimos foi a emergência de reações de pânico entre as populações do mundo ocidental, originando imensos protestos internacionais antinucleares (Mehan, Nathanson & Skelly, 1990).

Nos anos 70 do século XX, um dos primeiros autores a identificar e conceptualizar este processo foi Stanley Cohen. "Pânico Moral", conceito cunhado pelo mesmo, descreve uma circunstância decorrente de um conjunto de eventos desencadeado por um ator social específico ou conjunto destes, na qual algo é representado como uma ameaça à normalidade, aos valores e princípios de uma determinada sociedade. O pânico moral é uma perceção generalizada negativa, amplificada drasticamente pelos média, sobre um determinado grupo ou individuo. O que define a essência deste conceito é o papel que os meios de comunicação possuem no desenvolvimento do alegado "pânico", pois para Cohen possuem a capacidade de exagerar determinados aspetos, abstraindo ou sensacionalizando a temática, assim influenciando a forma como a audiência os interpreta.

> "Um pânico moral refere-se à reação exagerada dos meios de comunicação, da polícia ou das audiências sobre as atividades de um grupo social específico. Estas atividades podem ser relativamente triviais, mas foram desenvolvidas e disseminadas de uma forma sensacionalista nos média e devido a tal levaram a um aumento da ansiedade e de preocupações sobre essas mesmas atividades" (Marsh & Melville, 2011, p.2).[3]

[3] Tradução própria

Cohen refere, no entanto, que os eventos apenas criam *"pânico"* a partir do momento em que ganham notoriedade dentro da comunicação social: sem a mesma seria irrealista pensar num pânico moral (Marsh & Melville, 2011). O autor refere simultaneamente que o pânico pode ser relativamente curto e acontecer de forma espontânea, sendo rapidamente esquecido (exceto na *"memória coletiva"*), ou pode ter uma duração longa e provocar repercussões na forma como nos interpretarmos e nos organizamos quotidianamente. Um exemplo: a forma como reagimos a notícias de determinados clubes motard ou de grupos políticos extremistas, cria um conflito com a normalidade presente; existe um conjunto de características atribuídas a estes grupos, de forma a separa-los e a diferencializa-los. Para esta discriminação, Stanley Cohen formulou o termo *"folk devils"*, a caracterização estereotipada de um vilão caótico associada a um grupo, separando-o do *"eu responsável"* que contribui para o bem comum (Goode & Ben-Yehuda, 1994). A comunicação social pode, e consegue influenciar a forma como interpretamos estes determinados grupos.

Jewkes (2004) procurou aprofundar e sublinhar os pontos fundamentais que definiam um pânico moral, identificando cinco momentos relevantes na constituição do mesmo (como citado em Marsh & Melville, 2011):[4]

1. *" O Pânico moral ocorre essencialmente quando a comunicação social transforma um evento comum e apresenta-o sendo algo extraordinário";*
2. *" A comunicação social em especial, estabelece como uma espiral negativa, através dos quais os elementos que constituem o pânico serão vistos como a fonte do declínio moral e de desintegração social"*. É a partir da mesma, e do seu poder disseminador, que se legitima uma imagem exorbitante, que não corresponde à realidade;
3. *" Os pânicos morais demonstram os limites morais presentes dentro da sociedade em que os mesmos ocorrem"*. Este ponto é interessante na medida em que estabelecemos uma relação com a ordem da moralidade: Apenas poderá ser escandaloso o evento que ultrapassar as barreiras normativas e morais impostas culturalmente;
4. *" O pânico moral ocorre em períodos de rápida mudança social e ansiedade";*
5. *" Os jovens são o alvo usual de pânico moral, o comportamento dos mesmos costuma ser considerado como um "barómetro" que testa o equilíbrio de uma sociedade".* Este último ponto poderá ser o mais sensível: tendo em conta que Cohen partiu da observação de como grupos de jovens se relacionavam entre si, é possível ter existido um cuidado extra sobre a forma como interagem. No entanto, Jewkes demonstra desde início alguma

[4] Tradução própria dos cinco pontos aqui transcritos

preocupação em particularizar os jovens, porque apesar de existirem diferenças no comportamento dos mesmos, não existe correlação entre os jovens e o pânico moral (Marsh & Melville, 2011).

1.4.1. Pânico Moral e o caso da Coreia do Norte

A posição tomada pelos média na forma como cobrem armas de destruição massiva é fulcral: Altheide (2009) percebe que os média cada vez mais incitam ao pânico moral nos seus textos noticiosos, especialmente jornais em formatos físicos, devido à estrutura que assumem, especialmente a partir da construção de narrativas provocantes, estabelecendo ansiedade e alarme. A partir deste género de narrativa a incerteza domina a temática e promove um *"sentido de desordem"*. Olhando para a forma como a Coreia do Norte é representada no espaço mediático, poderemos certamente encontrar padrões: a posição militar que o regime assume cria um conflito e agitação com o ocidente. No espaço mediático enraíza-se este sentido de preocupação, alimentado uma aproximação que analise o seu impacto a um nível internacional. Os mísseis, os programas militares e económicos, e as políticas internas norte coreanas são conteúdos que vincam a estrutura mediática deste objeto, enquadrando-o e representando-o como um estado preocupante que penetra a barreira da normalidade.

Será ainda relevante registar a capacidade que o conteúdo noticioso tem de influenciar e legitimar determinados eventos e estruturas sociais de acordo com uma noção partilhada de normalidade. Antonio Gramsci procurou estruturar a ideia de *"hegemonia cultural"* para especificar como a classe opressora (burguesia) exercia o seu poder sobre a classe oprimida (proletariado): para além da força física a elite consegue estabelecer a sua vontade através da cultura, pois seria a mesma que a controla. É através da manipulação e estruturação da mesma que se consegue transmitir determinadas ideias e valores que promovam, acima de tudo, as formas e padrões que a normalidade assume no meio.

Partindo de Gramsci, se existe uma dominação cultural e um interesse por parte das elites em defender o seu poder, então seria plausível afirmar que os meios de comunicação teriam uma estrutura e um trabalho editorial que confirmasse os valores e ideologias da mesma. O conjunto destes elementos, poderia influenciar as predisposições da população, que reagiria de acordo com a forma como os mesmos sempre se descreveram no espaço cultural.

No entanto, para Foucault, em contraste a Gramsci, o poder não era algo focalizado que se desenvolvesse em termos binários contrastantes, mas sim o resultado de um processo difuso presente constantemente na vida social, englobando todos os grupos sociais (Daldal, 2014). O poder está presente em tudo e em todas as relações; está inscrito nas mesmas e possui uma

arquitetura socializadora, que é exercida através de uma forma muito mais suave e impercetível, durante o decorrer da nossa vida social. É este poder normalizador que constrói aquilo que consideramos "normal" no mundo social, e que lhe dá um sentido do que é certo e errado, de mal e bem e que estrutura as nossas ideias, valores e decisões. Assim o poder não se apresenta como uma ferramenta que possa ser usada sobre outros, mas mostra-se como um processo do qual todos nós fazemos parte.

1.5. Kim Jong-un e a imprensa livre

A Coreia do Norte sempre foi definida por um conjunto de características muito específicas que individualizam o seu governo e a sua linhagem de líderes do resto das comunidades internacionais. Especialmente, a forma como o segundo se estrutura e se representa diverge profundamente das formas de pensar a democracia e as sociedades modernas. Esta diferença vai-se fazer pesar na forma como o mesmo pode ser representado na esfera pública de outros países.

Os líderes norte coreanos recaem exatamente numa das categorias de domínio que Max Weber identificou como *"Liderança carismática"*, associando a gênese do poder de um líder ao seu carisma e personalidade. O fundamental nesta categorização é o uso da palavra *"carisma"*, representando uma qualidade ou conjunto das mesmas reconhecidas como sobre-humanas, inatingíveis pela pessoa comum, idealizando o agente enquanto exceção, com poder e feitos supernaturais que centralizam e caracterizam a sua forma de liderar, de se organizar e de se representar (Lepsius, 1986). Um líder carismático é, portanto, separado do corpo comum e louvado enquanto alguém que se distingue pelas suas características ou atos. Weber (1968) define alguns pontos chave que definem e diferenciam o modelo carismático (como descrito em Lepsius, 1986, p.53-55):[5]

1. *"A primeira propriedade é a confiança absoluta no líder, sendo esta um dever dos seguidores";*
2. *"A segunda, consiste na extinção dos padrões que constituem a normalidade (...) quanto maior a ambição do líder de alcançar autoridade total, menor será a aceitação por parte do mesmo dos processos e procedimentos normativos";*
3. *"A terceira consiste na junção dos dois últimos, constituindo uma comunidade emocional em torno do líder (...)";*

[5] Tradução própria dos quatro pontos aqui transcritos

4. *"Quarta, consiste no resultado, especificamente o líder carismático terá de ser capaz de alcançar resultados positivos para comprovar as suas capacidades (...)".*

É importante vincar que este género de dominação é bastante específico. Weber chama atenção para o facto de que a *"dominação carismática"* apenas nasce em situações extraordinárias onde o panorama político-social, económico ou religioso está instável; é neste género de cenários onde a virtude carismática se destaca (Cavalli, 1986).

Contudo, o importante é refletir como Kim Jong-Un se apresenta em contraste às sociedades modernas dos dias de hoje. Este poder carismático simbólico rapidamente entra em confronto com as visões atuais das sociedades modernas e do que para as mesmas a democracia é e representa. O especial ou extraordinário há bastantes anos que fora ultrapassado e com o passar do tempo as comunidades internacionais passaram a organizar-se de uma forma complexa, participativa e coletiva. Se Kim Jong-Un cair dentro desta classificação carismática definida por Weber, então não será incomum as sociedades modernas olharem para o líder norte coreano e o seu regime, como um fenómeno estrutural contrastante, comparativamente aos valores defendidos no mundo globalizado. Assim, é normal que Kim Jong-Un, sendo uma figura que represente as vontades e decisões norte coreanas, assuma um papel caracterizante desse contraste nos media ocidentais.

Kim Jong-Un torna-se quase como numa personagem, que é inserida dentro de uma linha contínua narrativa constituindo assim uma determinada temática, neste caso a diplomacia norte coreana. O sistema mediático cada vez mais centra-se no uso de figuras políticas como principais atores num texto noticioso, enfatizando e caracterizando uma ação política através da figura em si. Esta personalização vai resultar numa ligação direta entre a figura e o país da mesma, fazendo com que a imagem de determinado país seja representada pelo seu líder (Balmas & Sheafer, 2013). Sendo os meios de comunicação a ferramenta principal de informação sobre políticas mundiais (Karvonen, 2010), então gera-se uma problemática em torno da personalização dos eventos, porque é através dos media que grande parte da sociedade compreende a experiência estrangeira (Balmas & Sheafer, 2013; Lim & Seo, 2009). O próprio sentido de personificação também é dotado de algumas variáveis: dependem bastante do acontecimento em si, consoante o nível de rutura com a normalidade; em certos países poderá existir uma personalização maior do que outros, consoante o destaque que a figura receber, e existe simultaneamente um aspecto temporal para com a personalização, em momentos mais intensos poderá existir uma maior personalização das figuras políticas em questão, e em momentos menos tensos o oposto acontece (Balmas & Sheafer, 2013).

O caso de Kim Jong-Un é bastante significativo visto que nos dias de hoje o mesmo é uma figura presente no quotidiano mediático e por sua vez na esfera pública. Inclusive no mandato de Donald Trump, poderemos dizer que tanto um como o outro foram centrados enquanto figuras dominantes representativas do processo diplomático internacional, duas faces estas que simbolizavam um confronto político-ideológico e que absorviam todas as variáveis presentes, transformando a complexidade que é a negociação em questão, numa dualidade entre Donald Trump e Kim Jong-Un.

CAPÍTULO 2

Enquadramento temático

No seguimento da vitória por parte dos Aliados na Segunda guerra mundial, criou-se a problemática de como gerir a península Coreana após os 35 anos de controlo japonês. As forças soviéticas confrontaram as forças japonesas naquele que seria o território norte da Coreia, e os norte americanos exploraram o território sul, encontrando-se efetivamente a meio, no Paralelo 38 N, partilha estabelecida na conferência de Postdam em 1945, e onde na mesma se decidiu dividir a Coreia simultaneamente, de acordo com os termos decididos na Declaração de Cairo de 1943.

O Norte, apoiado e influenciado pela União Soviética, absorve a sua estrutura e estabelece rapidamente um governo com raízes comunistas. No Sul, existe uma explosão de novos partidos políticos que se identificam dentro das várias posições do espectro político. A 6 de Setembro de 1945, numa assembleia nacional formalizou-se a República Popular da Coreia, com um governo provisório que procurava unificar as duas zonas. No entanto o governo militar norte americano estacionado no Sul rapidamente confrontou esta ideia, estabelecendo uma assembleia legislativa com membros eleitos pelo povo, e outros selecionados pelas forças armadas (Lew, Lee, Lee, Lee & Hahn – 2019), adotando, uma estrutura com raízes vincadas na ideologia capitalista.

Apesar dos imensos protestos e descontentamento dos coreanos, e ao fim de várias tentativas falhadas de reconciliar as duas coreias, o Sul a 20 de Julho de 1948, elege o seu primeiro presidente, Syngman Rhee, e um mês depois, é declarada a República da Coreia, sendo a sua capital Seul. Entretanto, no Norte o mesmo acontece: ocorrem eleições a 25 de agosto de 1948 e apenas um mês depois do Sul, a República Popular Democrática da Coreia é oficializada, liderada por Kim Il-Sung.

Contudo, ambas idealizavam uma Coreia unida sobre a sua própria ideologia. Os confrontos na fronteira eram inúmeros e foi uma questão de tempo até um conflito de escala nacional se ter instalado. Em 1950, o Norte marchava para o Sul e as primeiras instâncias da Guerra da Coreia são concebidas, uma guerra de três anos que não só procurou definir o futuro da Coreia, como serviu de palco para o desenvolvimento da Guerra Fria, alimentado medos e receios de um novo conflito à escala mundial.

2.1. Contextualização do programa nuclear

A guerra acabou com um armistício, com ambos os lados a garantir o cessar-fogo e o regresso à normalidade, estabelecendo a fronteira sobre o Paralelo 38 N onde seria determinada uma zona desmilitarizada. Apesar do seu nome, esta torna-se uma das zonas com mais peso militar ainda nos dias de hoje. Apesar da Guerra da Coreia ter terminado em 1953, isso não significou o fim do conflito: a segunda metade do século XX esteve repleta de incidentes, desde troca de disparos e detenção de soldados ou veículos a casos e acusações de espionagem. Parecendo existir um maior número de provocações causadas pela Coreia do Norte do que pela do Sul, a tendência tem sido as mesmas diminuírem.

Ainda durante a segunda metade do século XX, a Coreia do Norte deu os primeiros passos para desenvolver o seu programa nuclear, vendo nas armas nucleares a chave para alcançar a autonomia estratégica do país (Wertz, McGrath & LaFoy, 2018). Tendo pedido à União Soviética e à China colaboração na construção de armas nucleares, ambas recusaram. A União Soviética, no entanto, propôs uma abordagem mais "pacífica" sobre a energia nuclear, pela qual Kim Il-Sung demonstrou um interesse imenso, assinando no final dos anos 50 um pacto nuclear que incluiu o acolhimento, por parte da URSS, de membros da comunidade científica da RPDC para uma conferência e formação sobre energia nuclear (Clemens, 2010). Anos depois iria contribuir para a construção de um reator nuclear perto de Yongbyon. Para a comunidade internacional, tanto a capacidade do reator nuclear em Yongbyon, que seria capaz de produzir plutónio a uma velocidade considerável, como o crescimento da tecnologia nuclear norte coreana e a sua proliferação para outras nações sublinhou a Coreia do Norte enquanto uma ameaça *"horizontal"* (The 2018 U.S. Nuclear Posture Review).

O programa nuclear não é uma ideia recente: sempre teve um nível de interesse alto para o regime norte coreano. Enquanto que para o regime simboliza a paz e a sua proteção, para a comunidade internacional levanta preocupações relativas à estabilidade e segurança das comunidades internacionais. Em 1985 a Coreia do Norte junta-se ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, muito devido à pressão exercida pela União Soviética (Wertz, McGrath & LaFoy, 2018), mas este evento serve simultaneamente como pretexto para demonstração de boa-fé e do que poderiam vir a ser futuras relações diplomáticas.

Coincidentemente, no seguimento das preocupações nascidas nos anos 90 com a introdução da agenda nuclear norte coreana na esfera pública, a assinatura do TNPN serviu como uma tentativa por agentes externos de avaliação e controlo das capacidades nucleares norte coreanas. Poucos anos depois são reveladas incongruências nos relatórios enviados pela

mesma, e em 1993 a Coreia do Norte propõe aos Estados Unidos um acordo que resolvesse os interesses de ambos.

O núcleo deste estabelece essencialmente o congelamento de reatores moderados com grafite por parte da Coreia do Norte e a sua permanência no TNPN assim como o início da implementação da declaração conjunta sobre a desnuclearização da península coreana, assinada em 1992. Em contrapartida os Estados Unidos comprometiam-se a entregar combustível (500 000 toneladas anualmente), elaborar um consórcio para a construção de dois reatores à base de água (visto que não poderiam ser utilizados para produzir armas nucleares), e a não utilizar armas nucleares contra a Coreia do Norte. O último ponto estabelecido entre ambos apontaria à normalização das relações tanto da esfera económica como da esfera política.

Este foi um dos momentos marcantes nas relações das duas nações e que mostra um interesse em caminhar na direção de soluções diplomáticas. No entanto, é importante considerar a forma como a Coreia do Norte têm vindo a alterar a sua posição sobre armas nucleares enquanto um mecanismo subordinativo. Como Wertz, McGrath e LaFoy (2018) mencionam, sob a chefia de Kim Jong Il, poderiam ser vistas maioritariamente como um trunfo na mesa de negociações, usado para obter ajuda internacional. Com o passar do tempo, contudo, a Coreia do Norte não só fortaleceu e desenvolveu o seu programa nuclear como adotou uma postura agressiva e confiante: em várias ocasiões referiu um interesse em "expandir as suas forças nucleares qualitativa e quantitativamente (…)" (Wertz et al., 2018, p.10).

O acordo entre as duas nações, apenas serviu para aliviar as tensões temporariamente. A inconsistência, desconfiança e a falta de rigor para com aquilo com que se tinham comprometido levou a uma instabilidade sobre o acordo, e em 2002 o mesmo foi terminado abruptamente quando um oficial norte americano acusa o governo norte coreano de levar a cabo um programa ilegal de enriquecimento de urânio.

Leon Sigal (2007, como citado em Guterson 2008) atribui parte da culpa aos Estados Unidos por *"não recompensar o bom comportamento da Coreia do Norte"* (Sigal, 2007), mencionando simultaneamente que os Estados Unidos receberam de imediato aquilo que pretendiam, o congelamento efetivo das instalações, mas não cumpriram parte do acordo estabelecido: A construção dos dois reatores estava atrasadíssima, assim como o fornecimento de combustível e as sanções económicas que teriam sido aplicadas continuavam a sufocar a Coreia do Norte – algo que talvez se deva ao facto de que no mesmo ano que o acordo foi assinado, o partido republicano teria ganho o controlo do congresso e rapidamente se estabeleceu como uma entrave ao acordo, denunciando o mesmo.

Após o fim do acordo, a tensão internacional voltou a subir e com isto o programa nuclear norte coreano voltou a ser uma temática relevante entre os agentes internacionais. O presidente norte americano George W. Bush rapidamente classificou a Coreia do Norte como parte do *"axis of evil"* conjuntamente com o Irão e o Iraque, e na sequência da interrupção de envio de combustível por parte dos EUA, a Coreia do Norte retirou-se do TNPN.

No seguimento deste evento, voltaram a ser levantadas questões de segurança e a comunidade internacional procurou desenvolver estratégias de forma a combater as mesmas. Em 2003, poucos meses após a decisão norte coreana de abandonar o tratado, criou-se um grupo de negociação entre os seis agentes relevantes no centro da temática, ao qual se designou de *"Diálogo a seis"*. Este grupo consistiu de ambas as Coreias, os Estados Unidos, China, Japão e a Rússia e ao longo de seis rondas procurou-se restabelecer os pontos de interesse presentes no acordo de 1994. Por um lado, a comunidade internacional procurava a desnuclearização da península coreana, de forma a promover a segurança entre as comunidades, do outro lado a Coreia do Norte procurava a normalização da diplomacia e do comércio entre os agentes.

Apesar da agitação criada por estas reuniões e de tudo aquilo que parecia prometer, o que vimos foi muito pouco progresso sobre a problemática em questão, apenas alcançando um resultado significativo numa das últimas reuniões realizadas na quarta ronda, onde, numa declaração conjunta, ficou registado que a Coreia do Norte iria abandonar o seu programa e armas nucleares, e regressar ao TNPN, entre outros pontos presentes no acordo de 1994.

Contudo, um ano após a reunião, a Coreia do Norte comunicou que iria realizar o seu primeiro teste de uma arma nuclear, e após o sucesso do mesmo, o Conselho de Segurança das Nações Unidas em resposta, adotou um conjunto de medidas drásticas, consistindo maioritariamente na proibição da exportação e importação de várias tecnologias militares e produtos de luxo. Ainda assim, e nas rondas seguintes de negociações, foi alcançado um objetivo primordial e ficou acordado uma troca entre os agentes presentes. A Coreia do Norte iria cessar a sua atividade nuclear e desmontar o reator nuclear em Yongbyon e em contra partida, cada um dos outros membros presentes iria entregar 50 000 toneladas de combustível à RPDC e contribuir para a normalização das relações. No entanto, no final de 2007, incongruências e problemas começaram a nascer entre os Estados Unidos e a RPDC, no que diz respeito à ajuda prometida. Por um lado, a Coreia do Norte acusava os Estados Unidos de não cumprir a sua parte da promessa e os mesmos referiam que a RPDC não estaria a ser transparente com aquilo que fora acordado, daí terem suspendido a ajuda.

O diálogo a seis acabou por ser suspenso, quando em 2009, a Coreia do Norte realizou um lançamento de um satélite após ter sido advertida pelos vários agentes internacionais a não

levar a cabo o lançamento do mesmo. Independentemente, o lançamento acabou por falhar, e a Coreia do Norte sofreu críticas dos mais variados agentes e nos quais os mesmos apelaram a um aumento de sanções sobre a RPDC. Em resposta, a Coreia do Norte anunciou que não iria mais fazer parte do diálogo, e de que iria voltar aos seus planos nucleares. Ao longo dos vários anos, as negociações internacionais foram sempre dotadas de uma certa instabilidade e fragilidade. A falta de confiança presente na mesa sempre foi um dos grandes fatores que pareceu ditar o fim dos vários programas internacionais, estimulando a problemática a cair neste impasse constante ainda presente nos dias de hoje. Nos últimos 10 anos o governo norte coreano procurou continuar a desenvolver o seu programa nuclear e até aos dias de hoje, a Coreia do Norte já realizou no total seis testes com armas nucleares, tendo o último e o mais impactante sido em 2017. Este último, especialmente, marcou o início de uma nova posição perante a Coreia do Norte. Aclamado enquanto uma arma termonuclear pelo governo norte coreano, o resultado do seu teste demonstrou que a Coreia do Norte poderá ter alcançado a tecnologia necessária para desenvolver uma bomba de hidrogénio, no entanto nenhuma fonte internacional foi capaz de identificar a verdadeira natureza do teste e nunca houve uma declaração oficial internacional reconhecendo a tecnologia nuclear norte coreana.

CAPÍTULO 3

Enquadramento Metodológico

3.1. Objeto

Com a presença constante da Coreia do Norte no espaço mediático torna-se imprescindível compreender como a mesma é interpretada e disseminada pelos meios de comunicação. A representação mediática de um objeto é multifacetada, sendo esta determinada a partir de um processo complexo e ambíguo ao longo de uma linhagem de cobertura sobre o mesmo. O objetivo principal que levou ao desenvolvimento desta dissertação passa por esta mesma relevância, da capacidade dos meios de comunicação de moldarem os eventos e as temáticas. O interesse em selecionar a Coreia do Norte enquadra-se neste sentido; na possível construção mediática de um objeto enquanto uma ameaça. Assim, nasce uma pergunta de pesquisa inicial: De que modo é que os jornais apresentados representaram a Coreia do Norte e o seu líder no espaço mediático? A partir da mesma desenvolveram-se as seguintes hipóteses de resposta:

H1: O programa nuclear norte coreano é representado como um problema para a comunidade internacional;

H2: Os textos noticiosos sobre a Coreia do Norte concentram-se essencialmente no seu líder, Kim Jong-un;

H3: O regime norte coreano é construído mediaticamente como um estado pária, que contrasta com os valores das comunidades internacionais.

3.2. Método

Em concordância com os objetivos estabelecidos, o método do qual se fez uso foi o método misto, selecionado tanto pela sua estrutura como pela sua capacidade de aprofundamento das várias variáveis presentes que compõem o objeto. A estrutura dos modelos mistos permitem a conjunção dos pontos fortes presentes nos modelos quantitativos com os modelos qualitativos (Greene, Caracelli & Graham, 1989) possibilitando uma aproximação sobre o objeto muito mais completa e intrínseca. É através desta combinação entre os dois focos estruturais que conseguimos desenhar uma imagem profunda da disposição e do sentido específico relevante ao objeto quando imergido no estado natural dos dados. Enquanto que o método quantitativo sugere uma planificação numérica dos dados à procura de padrões lógicos, o método qualitativo permite-nos atribuir um lado social à pesquisa, abrindo uma janela interpretativa sobre o evento no seu espaço social (Punch, 2013; Hammersley & Atkinson, 1993; Ely et al., 1991 como

citados em Mohajan, 2018). Polkinghorne (2005, como citado em Mohajan 2018) descreve o método como *"(...) exploratório, que procura explicar o "como" e o "porquê" de um fenómeno social (...)"*.

A metodologia mista organiza-se a partir de uma diversidade de procedimentos específicos para cada objeto de estudo. Para a presente dissertação optou-se pela realização de uma análise de conteúdos visto que se pretendeu realizar uma análise extensiva de vários textos mediáticos. A análise de conteúdo é uma ferramenta que permite ao investigador aprofundar a essência e o sentido presente numa estrutura comunicativa (Bardin, 1977; Cavalcante, Calixto & Pinheiro, 2014). A própria análise subdivide-se em várias formas, dependendo do texto que se pretende trabalhar, fazendo com que a mesma seja constituída a partir de um conjunto de técnicas especializadas. Bardin menciona que *"a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações"* (Bardin, 1977, p.31). A mesma permite dissecar textos, extraindo e agrupando do mesmo, conclusões válidas dentro do contexto em que se inserem (Krippendorff, 1980, como citado em Elo & Kyngas, 2008). Krippendorff (1989) reflete ainda sobre como a análise de conteúdos se centra enquanto objeto para interpretar a *"importância"* que sujeitos ou entidades atribuem a determinadas temáticas, aferindo o grau de importância associado, como se comparam com o meio e especialmente o sentido que os sujeitos procuram produzir sobre o objeto através dos seus textos noticiosos. Assim, visto que se procedeu à análise de produtos noticiosos, a opção pelo método misto demonstrou-se como a ideal para a resolução deste projecto.

Com isto em mente desenvolveu-se um livro de códigos e será importante clarificar a estrutura que o mesmo assumiu neste projecto, e de como interagiu com a amostra. Dentro de cada código temático, existe um conjunto de subcódigos de forma a complementá-lo, e que permitem determinar a forma como a Coreia do Norte foi descrita no meio, aliando o discurso presente nos textos à varia teoria já descrita neste projecto.

3.3. Limitações

Tendo em consideração a estrutura que os métodos mistos possuem, alguns autores chamam atenção para limitações presentes nas estruturas exibidas, em específico, um dos criticismos mais relevantes recaí sobre a importância que o investigador possui no centro da pesquisa. Sendo o método misto um composto entre ambos os lados, isto irá proporcionar um determinado peso sobre o investigador visto que o mesmo terá que ser versado na execução tanto de métodos qualitativos como métodos quantitativos. Não só, mas também devido à

estrutura inerente de procurar desenvolver ambos os lados, os métodos mistos são reconhecidos por exigirem uma carga maior de trabalho, que por sua vez consome mais tempo e dinheiro. Da mesma forma, existe também a crítica purista (Johnson & Onwuegbuzie, 2004) referindo-se à ideia de que métodos quantitativos e qualitativos são fundamentalmente diferentes e proporcionam resultados sobre um espectro dissemelhante – estabelecendo o ponto de que se deve escolher entre uma das duas metodologias, e não misturá-las.

3.4. Amostra

Posto isto, o projecto desenvolveu-se em torno da análise de vários textos noticiosos, consistindo nas notícias relevantes sobre o conflito coreano na imprensa portuguesa, especificamente no Público e no Observador em 2017. A seleção deste período temporal provém no sentido daquilo descrito anteriormente: foi um período caracterizado por uma forte agressividade diplomática raramente observável, onde um conflito de longa data estaria a escalar para uma dimensão extremamente preocupante a nível internacional, onde não parecia existir espaço para o diálogo ou para a implementação de soluções diplomáticas. O agravamento do conflito foi promovido com o início da presidência de Donald Trump no começo do ano, criando um claro confronto icônico entre o novo chefe de estado norte americano e o líder supremo da Coreia do Norte, vincando assim, duas personagens no seio desta problemática. Outra razão pela escolha do ano de 2017 deve-se ao facto de a Coreia do Norte ter decidido intensificar o seu programa nuclear, conseguindo alegadamente atingir o “status de uma potência nuclear" com um teste bem sucedido tanto de um míssil intercontinental como de um dispositivo termonuclear. O período selecionado permite assim analisar o objeto no seu pico recente de intensidade.

Da mesma forma, o jornal Público foi escolhido por apresentar características habitualmente definidas como sendo de um jornal de referência – desde a sua apresentação, ao rigor com a linguagem usada e do cuidado entregue à estrutura que o conteúdo assume no meio (Beckett, 2018; Udris, Vogt & Rosa, 2017). Por sua vez, o Observador foi selecionado pela sua estrutura (apenas possui um formato online) e por assumir um posicionamento no espectro político. Outra razão por esta escolha é devido ao facto de ambos os jornais possuírem uma cobertura intensa do tópico em questão; a opção pela análise de dois jornais recaiu sobre o valor de que uma comparação pode ter ao avaliar o mesmo objeto em grupos mediáticos diferentes.

Assim, a amostra constituinte do presente projecto corresponde a um total de 526 notícias selecionadas e analisadas no Público e no Observador em 2017: deste total, 195 peças

provêem do Público e as outras 331 foram recolhidas no Observador. Este conjunto corresponde praticamente à totalidade da cobertura mediática produzida por ambos os jornais em 2017, apenas tendo existido uma pequena exclusão sobre algumas notícias que não se centrassem no tópico do conflito em questão, contudo, esta filtragem foi mínima apenas excluindo perto de 5 notícias em cada jornal. No entanto, esta amostra corresponde apenas a artigos noticiosos e análises, excluindo artigos de opinião e entrevistas. Igualmente, a recolha dos vários textos mediáticos, foi realizada a partir do website de cada jornal, acedendo ao motor de pesquisa dos mesmos e selecionando o separador específico da *"Coreia do Norte"*. Caso existam notícias que não tenham sido incluídas ou identificadas na sua categoria especifica, é provável que esses mesmos textos não façam parte nesta análise.

CAPÍTULO 4

Análise e interpretação

4.1. Apresentação dos dados

A presente pesquisa teve como objetivo primordial avaliar como é que a Coreia do Norte foi construída enquanto objeto mediático na imprensa portuguesa, procurando essencialmente se o mesmo fora demonstrado enquanto uma ameaça nuclear internacional. Através do trabalho desenvolvido, poderemos primeiramente aferir o conjunto de temas codificados ao longo das 526 notícias analisadas: No Público, a maior percentagem do conjunto codificado corresponde à temática do programa nuclear norte coreano (27%); seguindo-se de Diplomacia (25,8%); estado norte coreano (23,6%); exercícios militares (6,7%); economia (6,3%); Kim Jong-un (5,8%); referência / foco em choque de valores e violações de Direitos (4,9%). No caso do Observador, o conjunto de segmentos codificados é o seguinte: programa nuclear norte coreano (30,2%); Diplomacia (26%); estado norte coreano (24,9%); exercícios militares (6,9%); Kim Jong-un (5,4%); economia (4,2%); referência / foco em choque de valores e violações de Direitos (2,4%). A partir de um ponto vista generalizado parece não existir diferenças significativas na cobertura realizada por ambos os jornais, para além de uma pequena diferença entre a atenção dada a Kim Jong-un e à economia. Apesar do Observador ter publicado um quarto (24%) mais notícias que o Público em 2017, a estrutura e a atenção entregue a cada aspecto temático permaneceu semelhante entre ambos os jornais.

Posto isto, o código "*programa nuclear norte coreano*" serve para assinalar todos os momentos em que o sentido do texto se centra no programa em questão. Consequentemente, o conjunto de subcódigos que nasce a partir deste, visa explorar a construção dos textos mediáticos com ênfase na sua posição perante o "*míssil*" , isto é, exploração das características presentes nesta temática que o tornam relevante noticiar e de como são construídas. Assim sendo, tanto no Público como no Observador, o subcódigo mais presente nesta categoria será a *"referência a disparo de mísseis e testes de armas"* (Público 32,8%; Observador 42,7%) que de certa forma, simboliza toda a temática no seu geral. O míssil é o elemento central da problemática norte coreana, e seria de se esperar que ambos os jornais se concentrassem em específico no registo dos vários momentos em que a Coreia do Norte lança ou testa o seu armamento. Isto, tanto seria caso digno da sua própria notícia maioritariamente, como seria

referenciado a meio ou no final de outras notícias de forma a contextualizar os vários eventos, ou seja, existe um valor claro em continuar a noticiar este elemento e de o ter presente.

Esta cobertura seria ainda complementada a partir de dois outros subcódigos, nomeadamente *"relato de disparo de mísseis"* (Público 7,4%; Observador 6,2%) e *"avaliação dos atributos e capacidades"* (Público 22,8%; Observador 16,6%) que em várias ocasiões sobrepunham-se nos mesmos parágrafos. A partir destes dois novos códigos seria possível referir com mais precisão de que forma o objeto estaria a ser representado no espaço mediático, especificando quais as características noticiáveis que sobressaltam no acto de um teste de armas. Estes códigos são especialmente relevantes quando olhamos para o geral de 2017: perto de um quarto de todos os segmentos codificados em ambos os jornais concentram-se no programa nuclear norte coreano, e olhando para as notícias analisadas, reparamos na intensificação presente da temática.

É possível identificar também um interesse muito maior em avaliar a tecnologia militar norte coreana, e o que encontramos ao longo das notícias é um acompanhamento da evolução da mesma, desde o seu estado mais precoce até ao momento de sucesso norte coreano, em que respetivamente conseguem lançar um MBIC. Esta análise das capacidades nucleares norte coreanas é intensificada, consoante a exuberância do momento. Entre Julho e Setembro encontramos uma dedicação substancial sobre a tecnologia militar norte coreana em ambos os jornais, ao ponto de avaliarem constantemente os vários testes realizados, procurando perceber se os mísseis norte coreanos conseguiriam finalmente mostrarem-se como uma ameaça aos norte americanos.

Outros dois subcódigos relevantes pertencentes ao programa nuclear, consistem na *"afirmação do direito de autodefesa do país"* (Público 4,7%; Observador 1,7%) e *"representação enquanto problemática internacional"* (Público 19,9%; Observador 21,1%). Estes dois subcódigos funcionam quase como em conjunto, onde o objetivo é assinalar a quantidade de vezes que o programa nuclear norte coreano foi enquadrado de determinada maneira. Um exemplo respetivamente seria: *"(...) Mas de avanço em avanço, o regime de Kim Jong-un tem vindo a aproximar-se da fasquia que o líder norte-coreano acredita lhe garantirá a segurança.(...)"* (Público, 24.05.2017) e *"EUA dizem que armas nucleares da Coreia do Norte são uma ameaça para todos"* (Público, 03.06.2017), centralizando essencialmente os dois pontos de vista que recaem sobre o míssil norte coreano.

Para finalizar o código do programa nuclear, ainda foi criado um subcódigo denominado de *"enumeração de regiões dentro do alcance do míssil"* (Público 12,5%; Observador 11,6%), onde se procurou registar todos os momentos em que foi descrito o alcance dos correntes

mísseis norte coreanos. Foi possível notar simultaneamente, à medida que o programa era desenvolvido e o clima diplomático se tornava agitado, cada vez mais se mostrava a presença desta preocupação: da capacidade do míssil de atingir, acima de tudo, os Estados Unidos da América, e de facto, grande parte das vezes que se confirmou o uso deste código, era sobre o território norte americano que se estaria a falar, e apenas muito raramente era registado outra localidade, como a Europa.

Relativamente, o Público faria uso de infografia constantemente, de forma a contextualizar os novos mísseis que seriam lançados em comparação aos anteriores, formulando uma cronologia do programa nuclear norte coreano[6]. Numa última nota, existiu ainda um último subcódigo, denominado de *"representação enquanto trunfo diplomático"* visto que historicamente, Kim Jong-Il sempre foi adepto de utilizar os planos nucleares como uma forma de suborno nas mesas diplomáticas e o objectivo seria procurar se o mesmo se aplicaria sobre Kim Jong-Un, no entanto apenas houve um único momento numa notícia do Observador que se mostrou como apta a ser incluída nesta secção.

Um dos momentos mais marcantes da cobertura mediática aqui descrita foi precisamente o aspecto diplomático presente sobre as ações norte coreanas, falamos aqui das nações centradas no conflito e como cada uma se fez sentir. Assim, para desenvolver o código "Diplomacia" (que corresponde a um quarto de todos os segmentos codificados em ambos os jornais) criaram-se vários subcódigos correspondentes a cada elemento (Coreia do Sul, Japão, Estados Unidos, China, Rússia, Nações Unidas) com a intenção de explorar a forma como cada grupo foi representado sobre o objeto. Considerando a complexidade da questão, optou-se por sobretudo, concentrar-nos no posicionamento que estes grupos demonstravam sobre a Coreia do Norte, isto é, se teriam *"interesse em adotar soluções diplomáticas"* e de promover o diálogo ou se contrário, *"consideravam soluções militares"*. Simultaneamente, devido à natureza do projecto, incluiu-se também as reações por parte de Portugal sobre o conflito.

Através do trabalho desenvolvido é possível notificar que tanto no Público como no Observador, a maior percentagem de momentos codificados vai para os Estados Unidos da América (47,1%; 48,2% respectivamente); seguidos da China (21,8%;17,8%); Coreia do Sul (9,2%;6,3%); ONU (8,3%;12,4%); Rússia (6,3%;5,6%); Portugal(5,0%;6,8%); Japão (2,3%;3,0%). Ainda sobre os subcódigos anteriores, conseguiremos identificar que os Estados Unidos da América foi demonstrado tendo *"interesses pacíficos"* (60,2%;57,7%) em relação ao conjunto codificado; a China 100% das vezes em ambos os jornais, assim como o Japão e a

[6] Anexo 2

Rússia. A Coreia do Sul apresenta 92,1% e 65,2%. A razão desta diferença percentual provem de o número de elementos codificados ser bastante baixo, levando a grandes variações. No que diz respeito ao subcódigo oposto: Os Estados Unidos da América foram demonstrados tendo (51;106) momentos codificados, onde *"consideravam soluções militares"*, o que equivale a (39,8%;42,3%) e a Coreia do Sul (7,9%;34,8%).

Ainda relativo à diplomacia, como esta problemática foi caracterizada pela intensidade do tom presente no meio gerou-se um subcódigo *"Comunicação hostil perante a Coreia do Norte"* constituído por quatro códigos diferentes: *"Insultos, Advertências, Denúncias, Ameaças"*. O mesmo fora aplicado aos vários grupos, e a intenção seria determinar o tom e a posição das várias nações. Como esperado, os Estados Unidos da América possui a maior percentagem deste segmento (87,1%;70%) em ambos os jornais, seguidos pela Coreia do Sul (3,2%;15,6%) e Japão (6,5%;10,2%), sendo o resto da percentagem coberta pela Rússia e China.

Sobre estes dois países, ainda se criaram subcódigos com a intenção de avaliar o seu papel nesta problemática, visto que estas duas superpotências têm um relacionamento diferente com a Coreia do Norte equiparado com os Estados Unidos. Assim desenvolveu-se *"Constrangimentos e resistências em aplicar sanções"* e *"Adoção de medidas internacionais face à Coreia do Norte"* que mais uma vez, funcionam em pares. Com isto, registaram-se (8;3) segmentos com a China a demonstrar resistência e (23;29) segmentos onde é demonstrada a adotar medidas internacionais. A Rússia, no entanto, demonstrou apenas (11;8) segmentos onde cria resistências em aplicar as sanções internacionais. Portugal, por sua vez, esteve presente em momentos distintos sobre a Coreia do Norte, em primeiro lugar e em ambos os jornais existe uma notícia em que o Presidente da República condena um míssil norte coreano que sobrevoou território japonês, e o Observador possui mais três notícias especificando a posição do governo sobre as atitudes do regime norte coreano. Com isto, existem duas notícias em ambos os jornais em que centram a posição do PCP sobre a problemática norte coreana. Por motivos logísticos, a análise mais detalhada de cada nação e entidade poderá ser consultada no anexo 3.

O terceiro quarto da cobertura mediática relevante à Coreia do Norte corresponde ao código que se denominou de *"Estado norte coreano"*[7]. Através do mesmo procurou-se assinalar e analisar as várias vezes que a Coreia do Norte foi evocada no texto, e como foi descrita aos leitores, procurando elementos-chave que determinassem a posição do regime norte coreano. Assim, o conjunto de subcódigos desenvolvido e o seu respectivo peso é o seguinte:

[7] Anexo 4

"Comunicação hostil perante líderes adversos" (25,5% no Público;31,3% no Observador) este código funciona em par com o subcódigo presente no código diplomático e visa identificar os vários momentos em que a Coreia do Norte têm uma posição agressiva face à comunidade internacional; *"Indícios de atitudes hostis / consideração de soluções militares"* (19,8%;20,8%); *"Determinado enquanto ameaça"* (18,2%,14%) este distingue-se do ultimo pois o primeiro é o registo de uma ameaça vinda da parte da Coreia do Norte enquanto que este subcódigo, regista acima de tudo, como a mesma e as suas ações são retratadas internacionalmente; *"Interesse contínuo em desenvolver o programa nuclear"* (13%;11,4%); *"Especificidades e contrastes"* (12,8%; 12,7%) delineando os vários momentos onde a Coreia do Norte é descrevida tendo atributos, ações, reações ou hábitos irregulares contrastantes e/ou únicos. Um exemplo seria: *"Pyongyang reúne milhares de pessoas em manifestação antiamericana"* (Observador, 24.09.2017). *"Atribuição de responsabilidade sobre os acontecimentos"* (6,5%; 5,8%), que visa registar os vários momentos em que a Coreia do Norte é demonstrada sendo a culpada pelo status quo; *"Evocação de características ideológicas contrastantes"*(2,6%;1,9%) e por fim *"Demonstração de boa-fé e de adotar soluções diplomáticas"*(1,6%;2,2%).

Com isto, falta apresentar aproximadamente o último quarto da cobertura mediática correspondente. O código *"exercícios militares"*[8] serviu para identificar os vários momentos em que se realizava, ou quando se referenciava este género de eventos, sendo este divido em 3 subcódigos: *"Comunidade internacional"*(73,6%;79,8%); *"Coreia do Norte"*(15,1%;11,2%) e *"Descrição de recursos"*(11,3%;9,0%). Cada um destes subcódigos para além de representarem o grupo para o qual foi atribuído uma maior atenção sobre esta temática, foi ainda aprofundado de forma a melhor analisar cada grupo. O subcódigo *"Comunidade internacional"* determina os vários posicionamentos presentes nos textos sobre a mesma, contudo, vários destes momentos derivam de atitudes norte americanas. Contudo, aprofundou-se este subcódigo da seguinte forma: *"Comparação entre arsenal nuclear americano com norte coreano"* apenas tendo (1;4) segmentos codificados respectivamente; *"Teste / disparo de mísseis como demonstração de defesa"*(5;21); *"Manobras militares / exercícios conjuntos com a Coreia do Sul"*(57;102) e *"Justificação*[9] *em prol da segurança internacional"* (15;15). Por sua vez, o subcódigo da Coreia do Norte foi desenvolvido de duas formas: *"Como forma de protesto"*(6;7) e *"Legitimação defesa nacional"*(10;13) avaliando o registo de exercícios

[8] Anexo 5

[9] Justificação dos exercícios

conforme os aspetos que seriam evocados. O último desta temática, *"Descrição de recursos"* corresponde a momentos de tensão mais específicos envolvendo o recurso militar norte coreano, assim criou-se o subcódigo *"Agitação na fronteira"*(7;8) assinalando os eventos que ocorressem no paralelo 38N, e *"Paradas militares"*(5;4) descrevendo os momentos no texto relevantes às mesmas.

Um outro código, que parte de uma perspectiva diferente sobre o qual se pode analisar a Coreia do Norte, é *"Economia"*[10]. A partir do mesmo estabeleceram-se vários pontos com a intenção de identificar quais os aspectos mais relevantes que são levantados nos textos noticiosos, perante o objeto e a temática em questão. Assim criou-se o código *"Impacto das sanções económicas na Coreia do Norte"*(30,6%;50,5%) identificando os momentos nas noticias que se referem a este impacto; *"Repercussões internacionais"*(28,6%;15,2%) que codifica todos os segmentos em que a Coreia do Norte é repreendida economicamente pelas suas ações; *"Foco nas características económicas da Coreia do Norte"*(22,4%;15,2%) que se concentra nos vários atributos da economia norte coreana, que muita vezes serviu como contextualização a determinados eventos e sanções económicas, aqui incluiu-se também detalhes sobre as exportações e importações do regime norte coreano; *"Impacto do conflito sobre as comunidades internacionais"*(18,4%;7,6%) este código especificamente procura delinear o peso económico que a problemática norte coreana registou sobre as comunidades internacionais; e o último deste segmento *"Impacto do míssil na esfera económica norte coreana"*(0%;1%) onde o intuito seria perceber se haveria interesse em analisar o peso do programa nuclear na economia da Coreia do Norte, no entanto, sem sucesso.

O penúltimo código presente neste projecto será o "Kim Jong-un"[11] onde o objetivo principal seria identificar momentos nos textos em que o líder norte coreano fosse traduzido enquanto figura principal do segmento e simultaneamente desassociado do seu regime. Para identificar estes momentos criou-se então o subcódigo *"Enquanto figura central"*(47,4%;47,9%), sublinhando os casos em que Kim seria individualizado dentro do contexto; *"Individualizado enquanto responsável pelo status quo"* onde se procurou entender a estrutura que Kim Jong-un assumia no meio, e se seria retratado enquanto um elemento intimidador. Mais uma vez foi necessário criar subcódigos para aprofundar esta ideia originando três subcódigos específicos: *"Associação de comportamentos e políticas hostis"*(4;18), *"Associação do programa nuclear"*(26;49) e *"Incitador do uso do armamento*

[10] Anexo 6
[11] Anexo 7

nuclear" (1;3). Estes momentos codificados permitem assim melhor identificar como o líder norte coreano é evocado nos textos mediáticos. Com isto, sobre o código de "*Kim Jong-un*" desenvolveu-se ainda os seguintes códigos: *"Evocação de características contrastantes"* (6,3%;6,8%) funcionando em par com o subcódigo relevante ao *"Estado norte coreano"* e por fim os últimos dois códigos que também funcionam em conjunto *"Enquadrado enquanto chefe de estado desviante"* (13,7%;3,4%) e *"Enquadrado enquanto chefe de estado cooperativo"* (0%;0,7%). Acima de tudo, é preciso reforçar a ideia de que este código *"Kim Jong-un"* visa acima de tudo, aferir o "quando" e o "como" é que o Público e o Observador fazem uso da *"personagem"* Kim.

Com isto, o último código que faltará apresentar corresponde à *"Referência / foco em choque de valores e violações de Direitos"*[12]. Com este, o objetivo foi identificar os vários momentos em que as notícias se centravam em características chocantes capazes de moldar a percepção sobre o objeto criando um impacto com os princípios morais e ideológicos do leitor. Assim surgiram os subcódigos: *"Desertar / fugas do país"* (30,7%;28,3%); *"Detenções / Peculiaridades sistemas prisionais"* (25,3%;26,7%); *"Torturas" (21,3%;5,0%); "Associação ao terrorismo"*(13,3%;26,7%); *"Discriminação de género"* (9,3%;10,0%); *"Execuções"* (0%;21,7%) e o por fim *"Exploração infantil"* (0%;0%). Ainda por motivos de comparação e análise aos textos, criou-se um código nomeado de *"Citações e/ou referências"*[13] com o intuito de perceber como é que tanto o Público e o Observador faziam uso das mais variadas fontes presentes, e quais os elementos que mais salientavam nas suas notícias. No entanto, este subcódigo não foi incluído nas descrições deste capítulo por não se concentrar sobre o objeto em questão.

4.2. Interpretação dos dados

É importante refletir que este projecto apenas se debruçou sobre um ano de cobertura mediática. A problemática na península coreana possui um historial longo de agitação e de preocupações ao longo de várias décadas. Este projecto apenas ajudou a refletir sobre aquilo que poderia ser o resultado de uma estrutura de longa data sobre o objeto. Cohen (1972), refere que um pânico moral pode ter uma longa duração que eventualmente enviesa a forma que o objeto assume no espaço comum. A partir dos resultados da pesquisa desenvolvida, passamos a ter uma imagem descritiva do aspecto que a Coreia do Norte passa a assumir, e não será um erro cruzar esta imagem com o termo *"folk-devils"* (Cohen, 1972), visto que, de uma forma geral ambos os

[12] Anexo 8
[13] Anexo 9

jornais individualizaram a Coreia do Norte enquanto uma nação pária, que confronta a paz e os valores diplomáticos internacionais.

Os resultados apresentados indicam-nos de forma clara que existe um interesse por parte de ambos os jornais em noticiar a Coreia do Norte. Os textos noticiosos centram-se sobre o plano nuclear da mesma, os seus atributos e de todas as reações diplomáticas que o seu desenvolvimento gera. De um ponto de vista generalizado a primeira característica que nos sobressalta é o facto de existir um peso constante em querer representar a problemática norte coreana enquanto um exercício internacional de neutralização do programa nuclear da Coreia do Norte, correspondendo esta ideia ao trabalho de, por exemplo, Dai & Hyun (2010).

Aliás, através dos resultados, conseguiremos aferir que a estrutura que estes dois jornais portugueses atribuem ao objeto entra em conformidade com uma série de outros estudos na área que confirmam este tipo de posicionamento dos media internacionais perante a Coreia do Norte, como nos Estados Unidos da América, Roménia, Austrália, Coreia do Sul, entre outros (Balica & Marinescu 2017; Dai & Hyun 2010; Guterson 2008; Dalton, Jung, Willis & Bell, 2015). Simultaneamente, os resultados deste projecto entram em concordância com o trabalho de Lim e Seo (2009), quando analisaram os enquadramentos por parte do governo dos Estados Unidos e do *The New York Times*, onde os três mais presentes seriam ameaça militar, direitos humanos e parceiro de diálogo, o que corresponde com os resultados obtidos nesta análise. A maioria da cobertura mediática sobre este tema, corresponde praticamente no seu todo, ao conflito existente na península coreana.

Tudo isto que foi descrito até agora, desde a análise definida a todo este esqueleto em torno da Coreia do Norte serviu essencialmente para centralizar o objeto, e estudar a forma como o mesmo foi desenhado no espaço mediático. A complexificação do livro de códigos serviu para aliar o estudo e os exemplos de literatura definidos nos capítulos anteriores ao objeto em questão, e cada um dos códigos presentes representa uma forma aprofundada sobre cada um destes aspectos.

Considerando o programa nuclear, este foi o elemento central das peças noticiosas e foi o que maior destaque recebeu. Feita a contextualização do míssil e de como o público perceciona armas de destruição maciça, não será incorreto afirmar que existe uma componente de pânico ligado à imagem do míssil balístico, e como a análise comprovou, este objeto é continuamente evocado nos textos mediáticos, sendo descrito constantemente ao longo do seu período de evolução, intensificando-se conforme a energia do momento. Desde os vários registos em que um míssil é lançado, à cronometração do seu tempo no ar e onde caiu, às suas

qualidades e atributos, ao seu historial e contexto, o que encontramos é uma pressão contínua do míssil no espaço mediático.

É preciso vincar, que segundo Cohen (1972) um pânico moral é um registo exagerado da realidade, levando a uma desproporcionalidade e desequilíbrio na representação do objeto. O acto de relatar e avaliar o programa nuclear norte coreano e os seus testes não são uma condição que desencadeie o pânico propriamente dito, mas é a atenção que é entregue a este factor e a necessidade constante dos textos de relembrar que este, é um objeto que os leitores devem ter em consideração que o transforma num objeto intimidante. A *"preocupação"* e a *"hostilidade"* presentes no meio são dois elementos integrantes do Pânico Moral (Goode & Ben-Yehuda, 1994), e serão dois elementos que facilmente se podem associar à cobertura mediática feita sobre a Coreia do Norte. Estes dois sentimentos são alimentados não só pela constante presença da cobertura sobre o míssil como esta é aliada a variáveis múltiplas, que a definem e contextualizam-na.

A estrutura que o estado norte coreano e Kim Jong-un assumem no espaço mediático (entre outras variáveis) contribuem para descrever como o míssil deve ser interpretado. Ainda dentro do programa nuclear, percebemos parte desta posição ao olhar para a diferença que existe na quantidade de vezes que o programa nuclear norte coreano foi representado enquanto uma problemática, e as vezes que foi afirmado enquanto direito de autodefesa. Estas duas posições distintas de enquadrar o objeto, constroem o espaço e convidam o leitor a interpretá-lo desta forma específica.

Um outro elemento relevante, é o subcódigo que esteve presente inúmeras vezes *"Enumeração de regiões dentro do alcance do míssil"*, que era trabalhado em conjunto com os outros atributos. O interessante neste código é a relevância que teve para avaliar o arsenal norte coreano. Um dos grandes pontos que definia o míssil nuclear era a sua capacidade de atingir os Estados Unidos da América, e durante 2017 o que vimos foi a intensificação do uso deste mesmo código, aliado aos anteriores e em conjunto com as reações negativas por parte da comunidade internacional, que se apercebia que a Coreia do Norte estaria cada vez mais próxima de obter um MBIC: *"Kim aproxima-se: míssil norte-coreano já poderia chegar ao Alasca"* (Público, 04.07.2017).

Toda esta postura, todas as posições descritas como condenações, ameaças, sanções económicas, choques de valor, a forma como o enquadramento é trabalhado e especificado contextualiza o objeto. Relembrando que metade da cobertura mediática em ambos os jornais corresponde ao programa nuclear norte coreano e às reações internacionais sobre o mesmo, isto atribui um peso acentuado ao objeto e centraliza-o como uma problemática. Fundamentalmente,

não é o míssil nuclear em si que faz despertar um sentido de preocupação, ou de pavor; já existe um conjunto de nações que possuem tecnologia nuclear: É o facto de o Estado norte coreano poder ser visto como desviante que promove uma fragilização: É o facto de os mesmos, na perceção dos leitores, poderem estar a ser desenvolvidos pelas *"mãos erradas"*. A comunicação social, como indica a análise, demonstra uma posição da comunidade internacional muito especifica sobre as suas relações contrastantes com o estado norte coreano: *"Trump chamou os 100 senadores à Casa Branca para lhes explicar a gravidade da ameaça da Coreia do Norte"* (Observador, 26.04.2017); *"Conselho de Segurança da ONU condena testes balísticos da Coreia do Norte"* (Público, 14.05.2017) e *"UE ameaça Pyongyang com novas sanções"* (Observador, 17.07.2017) são alguns exemplos que constroem esta posição.

Torna-se claro que os jornais apresentados fazem uso desta estrutura mediática de forma a não só contextualizar a substância presente na península coreana como promovem uma posição ambígua sobre os eventos. O caso da península coreana apresenta um conjunto de características que são aproveitadas pela comunicação social de forma a acentuar os seus textos. Exemplos como: *"Ninguém quer uma guerra, gritam China e Rússia a Trump e a Kim"* (Público, 11.08.2017); *"UE acusa Pyongyang de ameaçar a paz mundial após lançamento de mísseis"* (Observador, 03.06.2017); *"Japoneses constroem bunkers nucleares com medo da Coreia do Norte"* (Observador, 17.07.2017); *"Terminou era da paciência com Coreia do Norte, diz Trump"* (Observador, 30.06.2017); *"Coreia do Norte lança míssil para o Mar do Japão. Tensão aumenta"* (Observador, 05.04.2017); *"Coreia do Norte responde a Trump e diz que pondera atacar Guam"* (Público, 09.08.2017) e *"Embaixador volta a dizer que guerra nuclear pode começar "a qualquer momento"* (Público, 17.10.2017) demonstram apenas uma pequena parte daquilo que será a estrutura mediática que engloba todo este objeto, expondo várias características que salientam a volatilidade presente no meio - características estas aproveitadas para a sensacionalizar o evento e fragilizar outras interpretações.

As notícias da Coreia do Norte mostram-se assim como um caso com um conjunto de características específicas que permitem aos jornais incentivar momentos de pânico e/ou de preocupação: desde a presença mediática, às imagens, aos títulos e descrições o que vemos é uma estruturação consciente em querer apresentar um objeto desviante que confronta os valores e interesses da comunidade internacional.

Tudo isto que foi desenvolvido até a este ponto avaliou a construção mediática da Coreia do Norte perante o Pânico Moral e refletiu-se sobre as características e estratégias utilizadas para o procurar confirmar. Contudo e refletindo sobre os resultados do míssil nuclear, poderemos considerar ainda a primeira hipótese: *"O programa nuclear norte coreano é*

representado como um problema para a comunidade internacional" como verdadeira. O programa nuclear norte coreano não só foi o segmento mais codificado, como se centralizou como o foco de toda a problemática, onde desde o início fora demonstrado uma posição alarmante, adversa e hostil por parte da comunidade internacional ao desenvolvimento do mesmo, confirmando a hipótese sem margem de dúvidas.

Todavia, apesar da Coreia do Norte ser apresentada como contrastante, é preciso evocar o segundo elemento cuja presença estabeleceu o outro lado da moeda no que respeita a problemática: os Estados Unidos da América. Como os resultados da pesquisa indicam, os EUA foram demonstrados tendo uma posição diplomática bastante agressiva sobre o objeto, e tendo em conta o código *"Diplomacia"* e os respetivos elementos é possível marcar diferenças na forma como os vários atores foram representados. Primeiramente, a comunidade internacional no seu todo, foi demonstrada a incentivar uma resposta pacífica à problemática norte coreana[14]; contudo os EUA diferem disto pois existem vários momentos registados onde especialmente Donald Trump considera o uso de soluções militares sobre a Coreia do Norte. Este é o auge da caracterização de toda a problemática - a discussão e retórica agressiva presente entre Kim Jong-un e Donald Trump, que levou a um completo desequilíbrio no meio diplomático.

O comportamento dos Estados Unidos, incentivando em vários momentos o uso de forças militares, dissociou-se do alinhamento pacífico internacional, e construiu uma dinâmica dualista entre os dois líderes. Para caracterizar esta dualidade, poderemos olhar para os resultados do código *"Comunicação hostil"* onde aquilo que nos sobressalta será a quantidade de vezes que tanto a Coreia do Norte como os Estados Unidos são registados. Se por um lado a Coreia do Norte têm uma posição diplomática agressiva, denunciando ou ameaçando[15] as acções da comunidade internacional, rapidamente existirá uma resposta por parte dos EUA confrontando essa posição e elevando o tom, levando a uma escalada contínua da retórica presente no meio. Exemplos como *"Trump ameaça destruir a Coreia do Norte e o Kim Rocket Man"* (Público, 19.09.2017), *"Kim diz que Trump vai "pagar caro". Ministro ameaça com bomba H no Pacífico"* (Público, 21.09.2017), *"Kim chamou-lhe "velho", Trump responde: Nunca lhe chamaria baixo e gordo"* (Publico, 12.11.2017), *"Trump reage às ameaças da Coreia do Norte: "Estão à procura de problemas"* (Observador, 11.04.2017) e *"Trump ameaça Coreia do Norte com "fogo e fúria" como o mundo nunca viu"* (Observador, 08.08.2017) não

[14] Atentar aos subcódigos de interesse em adotar soluções diplomáticas dos vários membros, anexo 3
[15] Anexo 3

só, desestabilizam o meio social, através das suas afirmações ameaçadoras, como centralizam as duas personagens no seio da problemática.

O importante a retirar deste registo será como os jornais fizeram uso das duas *"personagens"* e como os mesmos possuíam um grande valor em serem noticiados. Por um lado, Donald Trump seria caracterizado por ter um comportamento, de certa forma contrastante com a sua administração. Alguns momentos foram registados onde Trump mostra um desinteresse sobre resoluções pacíficas, apenas para ser contrariado por Rex Tillerson, onde o mesmo diria que soluções pacificas seriam a prioridade dos EUA. Através do código *"Citações e/ou referências"* poderemos ver simultaneamente que Donald Trump é de longe o elemento mais referenciado nos textos noticiosos[16], ou seja, segundo estes jornais o presidente norte americano têm um peso tremendo (se não maior) sobre todas as outras figuras presentes na problemática norte coreana.

Kim Jong-un, por sua vez, seria retratado a partir das suas peculiaridades e do regime que o mesmo representa. Existiram vários momentos registados, tanto sobre a Coreia do Norte, como especificamente do seu líder[17] onde poderemos reparar que há um interesse em *"evocar características ideológicas contrastantes"*, de forma a separar veemente estes agentes, da comunidade internacional. As que mais se destacaram foram *"Totalitarismo"* e *"Propaganda"* em relação ao regime norte coreano, e sobre Kim encontramos *"Ditador"* como o código mais registado. Isto de certa forma confirma que existe um interesse por parte dos jornais em associar Kim Jong-un e o seu regime a um modelo contrastante às democracias internacionais. Isto será ainda alimentado a partir das associações feitas pelos jornais, tanto de comportamentos hostis como do programa nuclear. Fazendo uso aqui do que se descreveu em capítulos anteriores sobre a personificação política, poderemos encontrar alguns momentos em comum com o trabalho de Balmas e Sheafer (2013), especificamente no que diz respeito às características da sua formulação. Algo que podemos confirmar com este projecto é que existe uma construção das personagens *"Kim"* e *"Trump"* que nascem devido a circunstâncias bastante únicas que rompem com a normalidade.

No entanto, apesar de podermos confirmar a presença constante destas duas personagens mediáticas e de lhes atribuirmos um papel em primeiro plano, a análise mostra-nos que ambos os jornais concentraram o objeto em vários outros pontos. Os resultados do código Kim Jong-un, mostra-nos respetivamente que apenas existiu uma cobertura mediática de 5,8% no Público

[16] Anexo 9
[17] Anexo 10

e de 5,4% no Observador relevante a esta personagem, ou seja, outros elementos acabaram por receber uma prioridade maior por parte dos mesmos. Ao refletir e comparar o peso que o código estado norte coreano teve (23,6%; 24,9%) com o de Kim Jong-un, podemos identificar que existe um interesse claro em noticiar a Coreia do Norte, mas não centrando os seus textos em torno do respetivo líder.

Aliás, e voltando ao código *"Citações e/ou referências"* reparamos que Donald Trump possui uma presença muito maior à de Kim Jong-un, num objeto em que se arriscaria supor que a presença do líder norte coreano poderia ser a principal. Isto pode resultar de uma variedade de factores, tanto porque Donald Trump terá uma presença marcante na comunicação social (Lawrence & Boydstun, 2016) em várias outras temáticas, ou porque a Coreia do Norte e o seu regime mostram-se como um sistema muito mais rígido, onde a presença do seu líder será mais rara, comparativamente à do presidente dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo os jornalistas estão dependentes do canal oficial do governo norte coreano para terem acesso a qualquer citação por parte de Kim Jong-un, entre outras várias características que dificultam o trabalho dos mesmos. Aliás, a primeira vez que Kim Jong-un respondeu à pergunta de um jornalista foi em 2019 na cimeira de Hanói (Público, 28.02.2019), ou seja, dois anos após o conteúdo analisado nesta dissertação.

Assim, agrupando o que aqui se descreveu sobre Kim Jong-un poderemos avaliar a segunda hipótese deste projecto: *"Os textos noticiosos sobre a Coreia do Norte concentram-se essencialmente no seu líder, Kim Jong-un"* a qual teremos de marcar como falsa. Não será um erro dizer que os jornais analisados têm um interesse em incluir o líder norte coreano nas notícias produzidas, mas efetivamente os textos sobre a Coreia do Norte centram-se numa variedade de temáticas e Kim Jong-un, apesar de ser extremamente relevante para o diálogo, a cobertura mediática não se concentra à volta do mesmo.

Com isto, ainda poderemos cruzar os resultados ao estudo do *framing*. Como descrito no capítulo anterior, o livro de códigos foi formulado com a intenção de fazer sobressaltar a vária literatura presente neste projecto. Sobre o código "estado norte coreano" por exemplo, que acaba por ser o que maior peso têm nesta dinâmica, encontramos pontos de vista e posições editoriais específicas sobre o objeto, que definiram a forma como estes jornais o interpretaram e o divulgaram às massas. Aquilo que o resultado da análise nos indica sobre este código, de uma forma generalizada entra em conformidade com aquilo que aqui se descreveu do trabalho de Curran & Gibson (2019) – a cobertura mediática analisada corresponde aos padrões encontrados no trabalho destes autores. A Coreia do Norte acaba por ser retratada a partir da tensão existente e do problema que a mesma representa para as comunidades internacionais.

Poderemos confirmar isto detalhadamente a partir do subcódigo *"determinado enquanto ameaça"* (18,2%,14%) em conjunto com *"demonstração de boa-fé e de adotar soluções diplomáticas"* (1,6%;2,2%), onde conseguiremos observar que o contraste existente é bastante significativo. Com isto, o subcódigo *"Indícios de atitudes hostis/consideração de soluções militares"* (19,8%;20,8%) também terá um peso intenso, onde estará constantemente presente nos textos mediáticos, e o código de atribuição de responsabilidade (6,5%; 5,8%), irá servir para contextualizar todos estes subcódigos, contribuindo para o desvio do objeto.

Como já mencionado, o papel do enquadramento é de um valor absoluto, e pelos resultados desta análise, poderemos deduzir que ambos os jornais posicionaram o leitor a interpretar a Coreia do Norte como uma nação divergente. Poderemos, como os autores concluem nos seus trabalhos, afirmar que a Coreia do Norte será associada à sua problemática nos seus textos noticiosos e como agente principal da causa destes eventos.

Isto, no entanto, apenas irá corresponder a um aspecto do *framing*. Será ainda preciso olhar para a imagem generalizada de como foi aplicado o enquadramento no seu todo sobre o objeto. Tendo em conta o que se têm vindo a discutir aqui, poderemos conferir as categorias de "*framing*" desenvolvidas por Semetko e Valkenburg (2000), e rapidamente associar o parágrafo anterior, ou seja o código *"Estado norte coreano"* ao *frame* de *"conflito"* definido pelos autores. Isto é, olhar para o objeto a partir da sua relação causal com o meio. Não só, mas também o código *"Exercícios militares"* e o *"Programa nuclear"* podem ser inseridos sobre esta categoria, resultando na ideia de que uma grande percentagem da cobertura mediática feita sobre a Coreia do Norte, é enquadrada consoante o seu aspecto de *"conflito"* com o meio.

Simultaneamente, o frame *"interesse humano"* definido pelos autores será uma forma de enquadramento bastante presente devido ao que aqui já se falou da personificação de Trump e Kim Jong-un e como ambos tiveram um impacto significativo em caracterizar a problemática em questão. Já se confirmou aqui que a atenção dada pela comunicação social a ambas figuras foi de um nível bastante elevado, mas ainda dentro das várias notícias encontramos outras figuras para lá dos dois chefes de estado, como podemos constatar no código *"Citações e/ou referências"*. Encontramos desde representantes de outras nações a outros elementos dentro da ONU, que são casualmente evocados nas narrativas destes jornais. Isto por si enquadra-se também no sentido de *"interesse humano"*.

Por outro lado, ainda poderemos encontrar nesta cobertura mediática, apesar de ter menor frequência, as outras três categorias de *frame* definidas por estes autores. Uma destas será a noção de *frame* de *"responsabilidade"* que estará presente através do subcódigo *"atribuição de responsabilidade sobre os acontecimentos"*; o *frame "moral"* que é associado

à *"referência / foco em choque de valores e violações de Direitos"* e por fim o *frame "económico"* o qual é representado na sua totalidade pelo código *"economia"*.

Todos estes aspectos possuem um papel importante no desenvolvimento do objeto, mas através destas categorias poderemos reconhecer com maior consideração a estrutura que a cobertura mediática da Coreia do Norte assume no meio. Por exemplo, o aspecto económico presente, concentrou-se acima de tudo em querer demonstrar o impacto do conflito na esfera económica norte coreana, sendo este o único ponto que considera esta temática. Por sua vez, o aspecto moral da cobertura fica dependente dos vários contrastes criados entre os valores das democracias internacionais com os contextos sociais presentes na Coreia do Norte.

Os vários campos de enquadramento definidos pelos autores encontram-se assim visíveis na sua totalidade e estarão presentes ao longo da vária cobertura mediática, contudo, todas estas características são trabalhadas a partir de uma perspectiva negativa como poderemos confirmar com esta análise, alimentado a ideia de que a Coreia do Norte é continuamente estruturada e enquadrada mediaticamente enquanto um estado que rompe com a barreira da normalidade. Assim, e através dos vários exemplos demonstrados, poderemos avaliar a terceira e última hipótese deste projecto: *"O regime norte coreano é construído mediaticamente como um estado pária, que contrasta com os valores das comunidades internacionais"* como verdadeira.

4.3. O Público e o Observador

Será ainda relevante para este projecto discutir as diferenças que existiram na cobertura mediática feita pelo Público e o Observador. De um ponto de vista geral, a primeira característica que poderemos apontar é que o Observador dedicou uma atenção maior sobre o objeto como já referido, com um total de 331 textos noticiosos, enquanto que o Público publicou apenas 195 peças. No entanto, apesar da diferença, ambos os jornais aproximaram-se sobre a Coreia do Norte de uma forma semelhante, alcançando resultados próximos. Quero isto dizer que, em 2017, as várias notícias relevantes a esta temática concentravam-se sobre os mesmos eventos grande parte das vezes, criando acima de tudo uma diferença na forma como os jornais construíram os seus textos sobre esta temática. Poderemos encontrar várias nuances e detalhes dos quais os jornais manifestam as suas diferenças, tanto a nível editorial como especificas sobre a Coreia do Norte. A atenção entregue a cada tópico pelos jornais já fora descrita no capítulo 4 e apresentado e discutido o conteúdo da análise sobressaltam detalhes relevantes na forma como cada jornal se aproximou deste objeto.

Primeiramente, uma diferença marcante entre ambos os jornais corresponde às fontes utilizadas e citadas. Considerando os resultados de *"Citações e/ou referências"* conseguiremos atentar ao cuidado que o jornal Público teve em fazer uso de analistas e especialistas nos seus textos mediáticos, de forma a registar um ponto de vista mais qualificado sobre a temática. Os mesmos apresentam um registo maior (32 vezes comparadas às 14 vezes no Observador), e tendo em conta o número superior de textos por parte do Observador, mostra-nos simultaneamente o desinteresse que este jornal teve pelo uso de agentes qualificados relevantes ao objeto.

Outro detalhe significativo, é o subcódigo do presidente sul coreano Moon Jae-in, o qual têm uma presença maior no Público (12 momentos), e quase que não foi registado no Observador (apenas dois momentos). Isto de certa forma pode entrar em concordância com o código diplomático da Coreia do Sul, onde em ambos os jornais a presença foi semelhante; porém, o Público preocupou-se em registar momentos em que a Coreia do Sul incentivava ações diplomáticas (33;5), e o Observador demonstrou um interesse inverso, onde se assinalou uma atitude mais hostil por parte da Coreia do Sul, registando denúncias (1;21) e soluções militares (3;8).

Aquilo que chama atenção sobre a Coreia do Sul é o facto de supostamente a mesma ter um papel em primeiro plano dentro de toda esta problemática. Contudo, e em ambos os jornais, o interesse esteve em concentrar a temática norte coreana sobre o respetivo país e os Estados Unidos da América, enquanto que os outros agentes caíram para um plano mais secundário. Poderemos confirmar isto a partir do código de reações por parte dos estados unidos, onde de longe em todos os momentos supera a intervenção de outras nações. Isto, de certa forma pode voltar a ser explicado pelo interesse da comunicação social em querer transformar figuras políticas em *"personagens"*. Analisando as referências a Donald Trump, o mesmo é de longe, a personagem mais evocada nos textos mediáticos em ambos os jornais.

Uma outra diferença que poderemos encontrar corresponde ao peso que a imprensa internacional possui no Público. A KCNA corresponde a (43;57) momentos, a REUTERS (42;16) e o código imprensa internacional (37;39), ou seja, o Público tem um cuidado extra e atribuiu um maior valor em possuir nos seus textos, informação derivada de outras fontes de informação, especialmente a REUTERS. Por sua vez, o Observador mostra um interesse superior em ter presente a temática relacionada com os exercícios militares, especialmente manobras militares e exercícios conjuntos entre os Estados Unidos da América e Coreia do Sul (57;102). Por fim, o último aspecto que ainda poderá ser interessante de salientar é o facto de o Público ter presente nos seus textos uma aproximação do míssil a partir da perspectiva

defendida por Pyongyang *"Afirmação do direito de autodefesa do país"* (22;15) do que o Observador.

De forma geral, ambos os jornais possuem uma cobertura mediática intensa sobre a Coreia do Norte, centralizando-se bastante na problemática da península coreana e nas respostas internacionais que nascem a partir desta agitação. O Público possui uma cobertura menor, mas parece ter um cuidado extra sobre a informação que dissemina e das fontes que o mesmo usa. O Observador por sua vez possui uma cobertura um pouco mais abrangente sobre o espectro mundial, e sobre o programa nuclear norte coreano.

CAPÍTULO 5

Considerações finais

Através deste projecto procurou-se explorar como a comunicação social em Portugal se aproximava de temáticas sensíveis internacionais, explorando a forma como estruturam o objeto e o disseminam. Das várias temáticas presentes no quotidiano mediático a Coreia do Norte mostrou-se, a meu ver, o objeto mais curioso de toda esta seleção devido às características que a definem. Assim escolheram-se os jornais, delimitou-se a teoria, contextualizou-se o objeto e definiu-se a questão de partida: *"De que modo é que os jornais apresentados representaram a Coreia do Norte e o seu líder no espaço mediático?"*

Os resultados a que chegamos entram em concordância, como já referido, com vários trabalhos de outros autores que contribuíram de forma geral para a compreensão da estrutura que a Coreia do Norte assume no meio, produzida pelos vários grupos mediáticos internacionais. A ideia fundamental que poderemos retirar é que os dois jornais analisados nesta dissertação constroem e disseminam conteúdo noticioso sobre a Coreia do Norte em concordância com estes parâmetros a nível global, e possui uma estrutura que segue uma linha similar ao que encontramos em outros grupos mediáticos estrangeiros. É preciso vincar que apesar de existirem estruturas semelhantes, as mesmas não são homogéneas e dependendo do jornal, o mesmo irá ter determinadas características únicas que definem diferenciações no seu posicionamento.

As hipóteses assumidas permitiram a descodificação destas ideias e acentuaram pontos de interesse sobre o objeto, do qual, através da análise, se conseguiu solidificar e responder às mesmas, assim como estudar o impacto do *framing* e do *pânico moral*. No entanto, uma destas hipóteses não foi confirmada: a ideia de que Kim Jong-un seria uma figura constantemente presente nos textos mediáticos não é uma representação que possa ser confirmada, o que acaba por responder a uma perceção que se poderia ter sobre a cobertura norte coreana, mas que de facto se mostra como errada.

A Coreia do Norte assume assim, dentro destes dois jornais, uma posição de um país ilógico e incompatível com as democracias internacionais, que vivencia uma situação única com características muito específicas, onde o panorama diplomático, militar e humanitário está perturbado e no qual as decisões levadas a cabo pelo seu regime foram registadas como problemática urgente que necessita de uma resolução diplomática. Contudo, esta ideia é

confrontada com o tom utilizado pela Coreia do Norte, onde se destaca uma *"retórica de confrontação"*[18] entre Kim Jong-un e Donald Trump. A isto, juntam-se os vários testes de armas, lançamento de mísseis, exercícios militares e contrastes ideológicos.

[18] Guterres preocupado com "retórica de confrontação" em torno da Coreia do Norte. https://observador.pt/2017/08/09/guterres-preocupado-com-retorica-de-confrontacao-em-torno-da-coreia-do-norte/

Referências Bibliográficas

Alessandroni, E. (2018). O Crepúsculo da dialética: Foucault contra Gramsci. Revista Novos Rumos, 55(2).

Allwood, C. M. (2011). The distinction between qualitative and quantitative research methods is problematic. Quality & Quantity, 46(5), 1417–1429.

Altheide, D. L. (2009). Moral panic: From sociological concept to public discourse. Crime, Media, Culture: An International Journal, 5(1), 79–99.

An, S. K., & Gower, K. K. (2009). How do the news media frame crises? A content analysis of crisis news coverage. Public Relations Review, 35(2), 107–112.

Anunciação, C. (2011). A narrativa jornalística: elementos para uma teoria do acontecimento 8(2).

Balmas, M., & Sheafer, T. (2013). Charismatic Leaders and Mediated Personalization in the International Arena. Communication Research, 41(7), 991–1015.

Balica, E., & Marinescu, V. (2017) Framing East Asia in Romanian Mass Media: The Case of Representing South Korea and North Korea

Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo (Linguistica ed.).

Beckett, C. (2018). What is quality journalism? The most important question for news organisations today, but do we know what it means? https://blogs.lse.ac.uk/polis/2018/06/05/what-is-quality-journalism-the-most-important-question-for-news-organisations-today-but-do-we-know-what-it-means/

Buszynski, L. (2015). Negotiating with North Korea: The Six Party Talks and the Nuclear Issue (Routledge Security in Asia Pacific) (1st ed.). Routledge.

Chung, M. Y., Lessman, J. R., & Fan, M. (2014). Framing the Nuke: How News Media Among Countries in the Six-Party Talks Framed North Korea's Nuclear Test. North Korean Review, 10(1), 22–38.

Cavalcante, R. B., Calixto, P., Pinheiro, M., (2014) Análise de Conteúdo considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método.

Curran, N. M., & Gibson, J. (2019). Conflict and responsibility: Content analysis of American news media organizations' framing of North Korea. Media, War & Conflict, 13(3), 352–371.

Dai, Jia & Hyun, Kideuk. (2010). Global risk, domestic framing: Coverage of the North Korean nuclear test by US, Chinese, and South Korean news agencies. Asian Journal of Communication - ASIAN J COMMUN. 20. 299-317.

Daldal, A. (2014). Power and Ideology in Michel Foucault and Antonio Gramsci: A Comparative Analysis, 2(2), 149-167.

Dalton, B., Jung, K., Willis, J., & Bell, M. (2015). Framing and dominant metaphors in the coverage of North Korea in the Australian media. The Pacific Review, 29(4), 523–547.

Elo, S., & Kyngäs, H. (2008). The qualitative content analysis process. Journal of Advanced Nursing, 62(1), 107–115.

Entman, R. M. (1993). Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. Journal of Communication, 43(4), 51–58.

Goffman, E. (1974). Frame Analysis:An essay on The Organizaiton of Experience (SOCIOLOGY, ANTHROPOLOGY) (1st THUS ed.). Harper Colophon.

Goode, E., & Ben-Yehuda, N. (1994). Moral Panics: Culture, Politics, and Social Construction. Annual Review of Sociology, 20(1), 149–171.

Graumann, C. F., Moscovici, S., Cavalli, L., Lepsius, M. R., Agassi, J., Apfelbaum. E., Cranach, M., Crook, J. H., Dayan, D., Fielder, F., Groh, D., Hadley, M., Katz, E., Kennan, N., Kruse, L., Wintermantel, M., (2011). Changing Conceptions of Leadership (Springer Series in Social Psychology) (Softcover reprint of the original 1st ed. 1986 ed.). Springer.

Greene, J. C., Caracelli, V. J., & Graham, W. F. (1989). Toward a Conceptual Framework for Mixed-Method Evaluation Designs. Educational Evaluation and Policy Analysis, 11(3), 255–274.

Gusterson, H. (2008). Paranoid, Potbellied Stalinist Gets Nuclear Weapons. The Nonproliferation Review, 15(1), 21–42.

Johnson, R. B., & Onwuegbuzie, A. J. (2004). Mixed Methods Research: A Research Paradigm Whose Time Has Come. Educational Researcher, 33(7), 14–26.

Kim, K. H. (2014). Examining US news media discourses about North Korea: A corpus-based critical discourse analysis. Discourse & Society, 25(2), 221–244.

Krippendorff, K. (1989). Content analysis. In E. Barnouw, G. Gerbner, W. Schramm, T. L. Worth, & L. Gross (Eds.), International encyclopedia of communication (Vol. 1, pp. 403-407). New York, NY: Oxford University Press.

Lana, L., & França, R. (2008). Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano.

Lawrence, R. G., & Boydstun, A. E. (2016). What We Should Really Be Asking About Media Attention to Trump. Political Communication, 34(1), 150–153.

Lee, K. , Lee, . Jung Ha , Lew, . Young Ick , Hahn, . Bae-ho and Lee, . Ki-baik (2019, January 25). Korea. Encyclopedia Britannica. https://www.britannica.com/place/Korea

Lee, N., Baek, K., & Jeong, S. (2020). Talking With the 'Hermit Regime'| Is Mr. Kim a “Nuclear Madman” or a “Reasonable Leader”? Media Framing of Kim Jong-un’s Images in South Korean and U.S. Newspapers. International Journal Of Communication, 14, 25.

Leite, J. (2010). Fundamentos de Linguística

Lim, J., & Seo, H. (2009). Frame Flow between Government and the News Media and its Effects on the Public: Framing of North Korea. International Journal of Public Opinion Research, 21(2), 204–223.

Mangana, Rafael & Piñeiro-Naval, Valeriano & Morais, Ricardo. (2020). A teoria do enquadramento nas revistas de Comunicação: uma análise comparativa entre Portugal e Brasil. 7-19.

Mcallister, Ian. (2005). The Personalization of Politics. The Oxford Handbook of Political Behavior.

Mehan, Hugh & Nathanson, Charles & Skelly, James. (1990). Nuclear Discourse in the 1980s: The Unravelling Conventions of the Cold War. Discourse & Society - DISCOURSE SOCIETY. 1. 133-165.

Mohajan, H. K. (2018). Qualitative research methodology in social sciences and related subjects. Journal of Economic Development, Environment and People, 7(1), 23.

Marsh, I., Melville, G. (2011). Moral Panics and the British media – a look at some contemporary “Folk Devils”

Office of the Secretary of Defense. (2018, February). The 2018 U.S. Nuclear Posture Review.

Reda, G. (2016). Ferdinand de Saussure in the Era of Cognitive Linguistics, 2(2).

Rueda, L. Í. (2003). Análisis del discurso. Manual para las ciencias sociales (Manuales) (Spanish Edition). Editorial UOC, S.L.

Scheufele, D. A. (1999). Framing as a Theory of Media Effects. Journal of Communication, 49(1), 103–122.

Semetko, H. A., & Valkenburg, P. M. V. (2000). Framing European politics: A Content Analysis of Press and Television News. Journal of Communication, 50(2), 93–109.

Silva, M. (2012). O Acontecimento e a Atividade Jornalística. Revista Anagrama, 1–12.

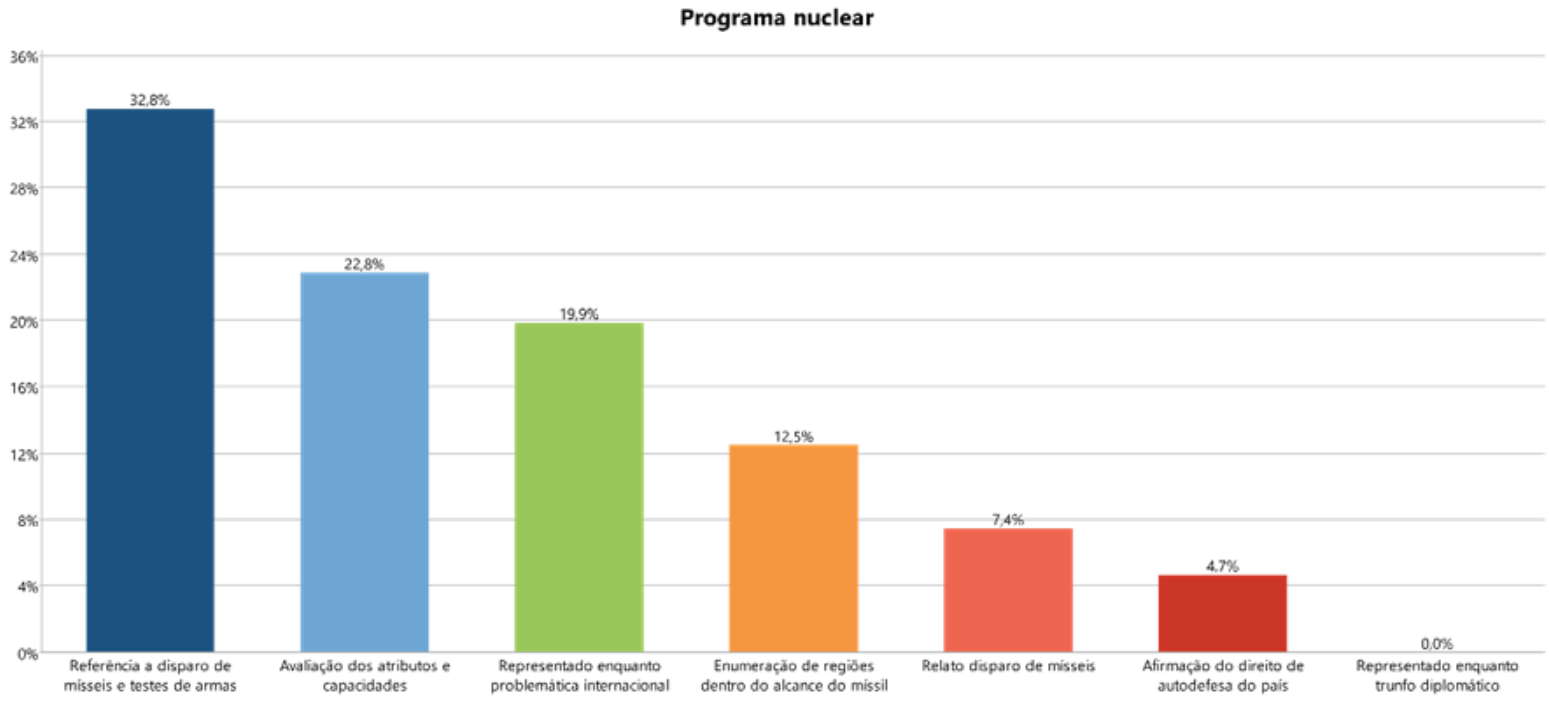
Udris, L., Vogt, V., Rosa, S. (2017). A Mission for Quality? Why Some Newspapers are Better than Others. European Journalism Observatory.

Vieira. (1999). "O público está a ficar mais vulnerável à comunicação." PÚBLICO. https://www.publico.pt/1999/03/28/jornal/o-publico-esta-a-ficar-mais-vulneravel-a-comunicacao-131436

Weaver, D. H. (2007). Thoughts on Agenda Setting, Framing, and Priming. Journal of Communication, 57(1), 142–147.

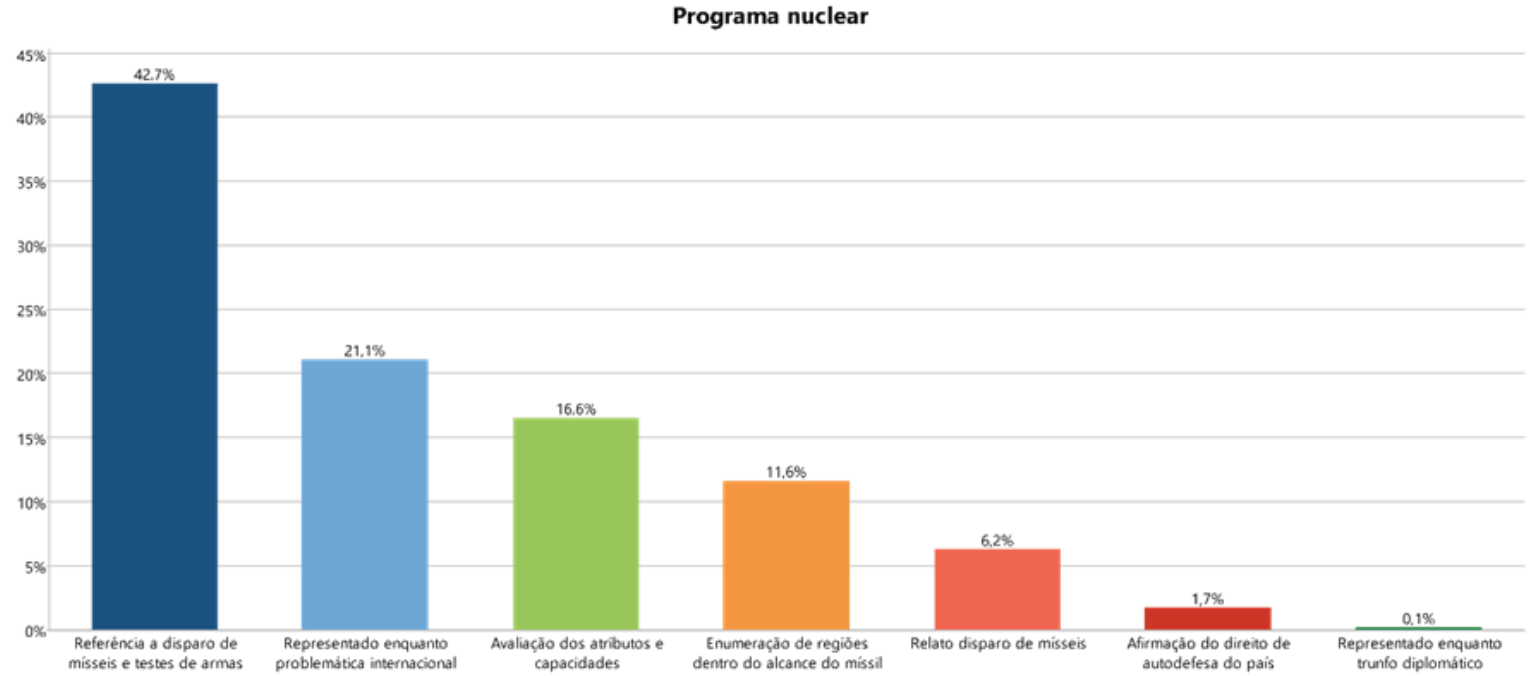
Wertz, D., McGrath M., & LaFoy S. (2018). North Korea's Nuclear Weapons Program Issue Brief

Anexos



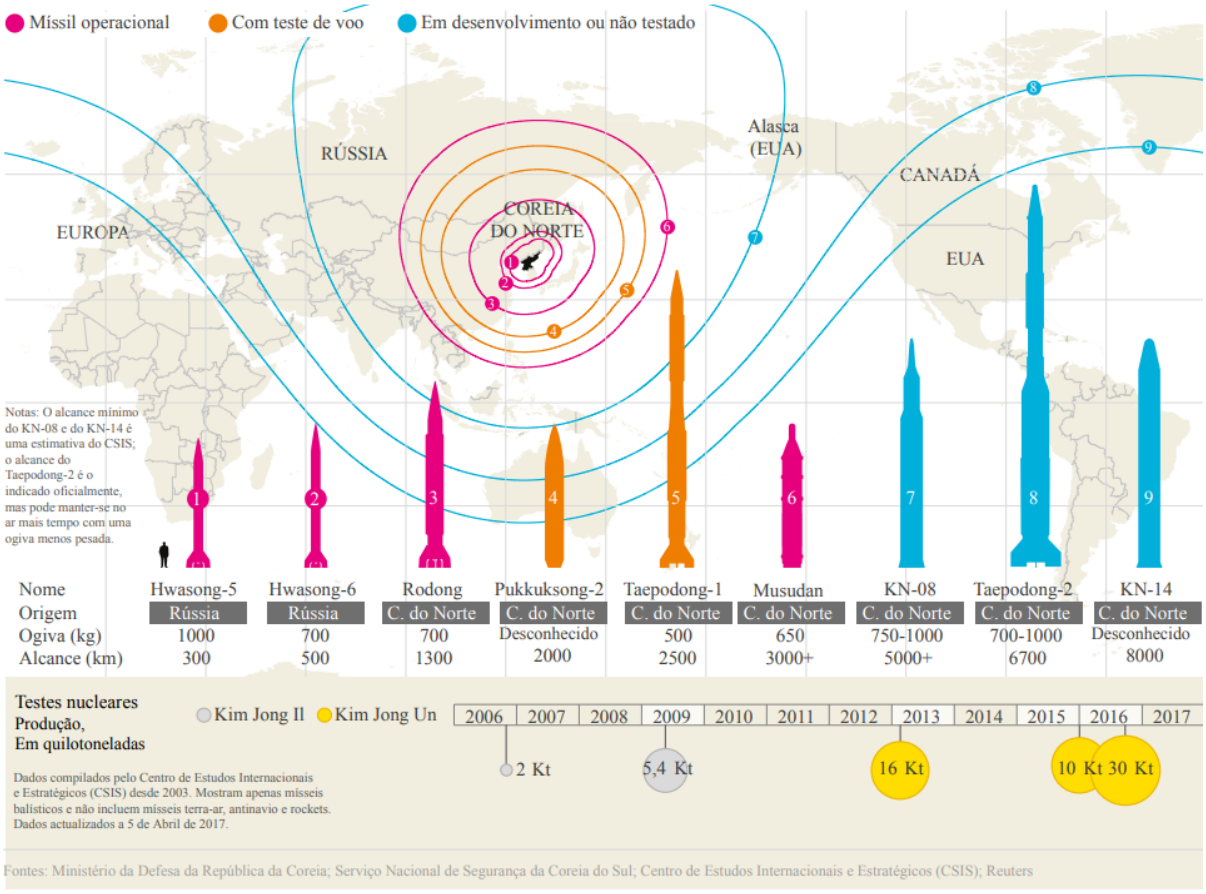
Anexo 1a – Programa nuclear e subcódigos, Público

Total = 473

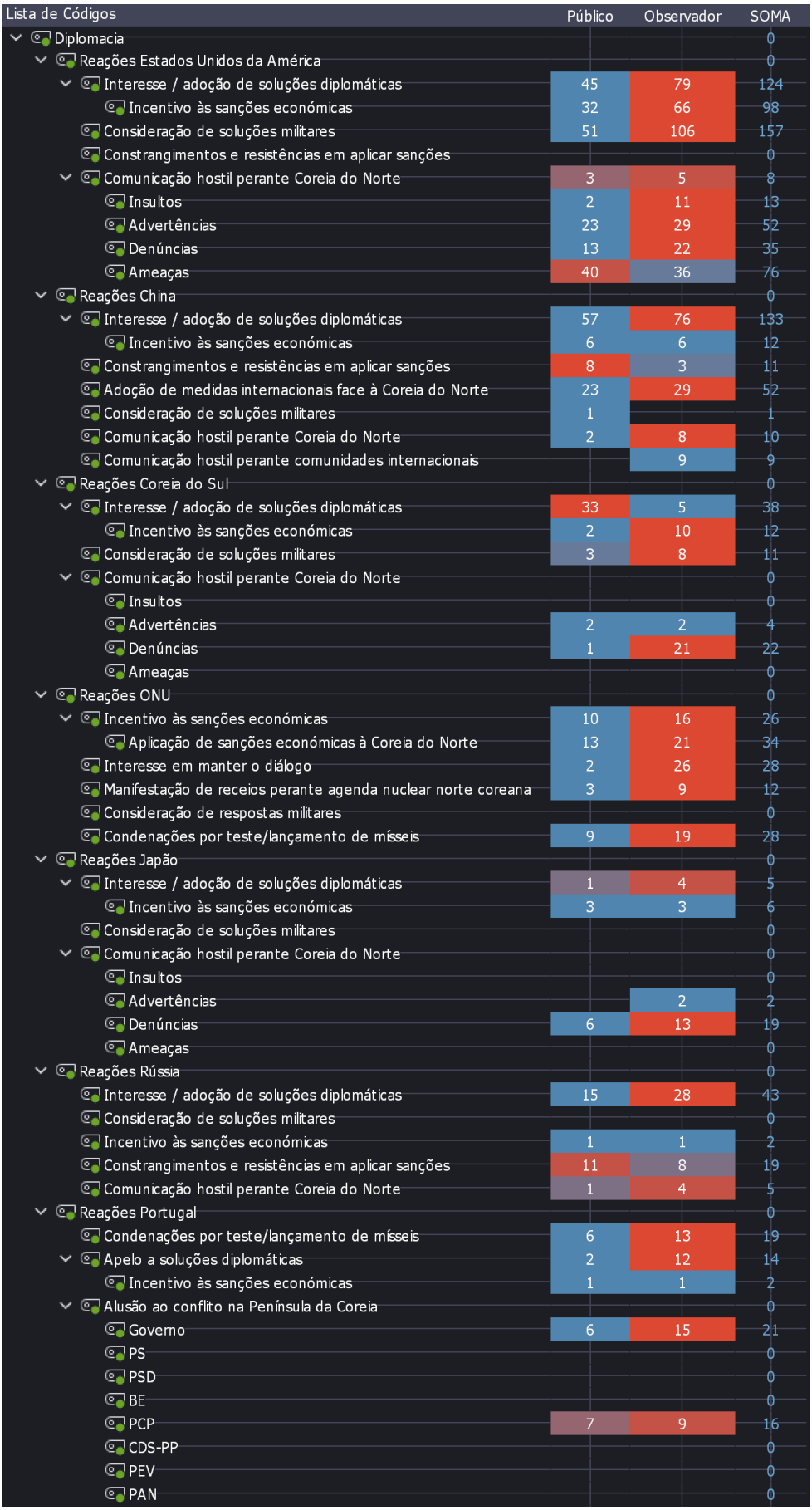


Anexo 1b – Programa nuclear e subcódigos, Observador

Total = 881

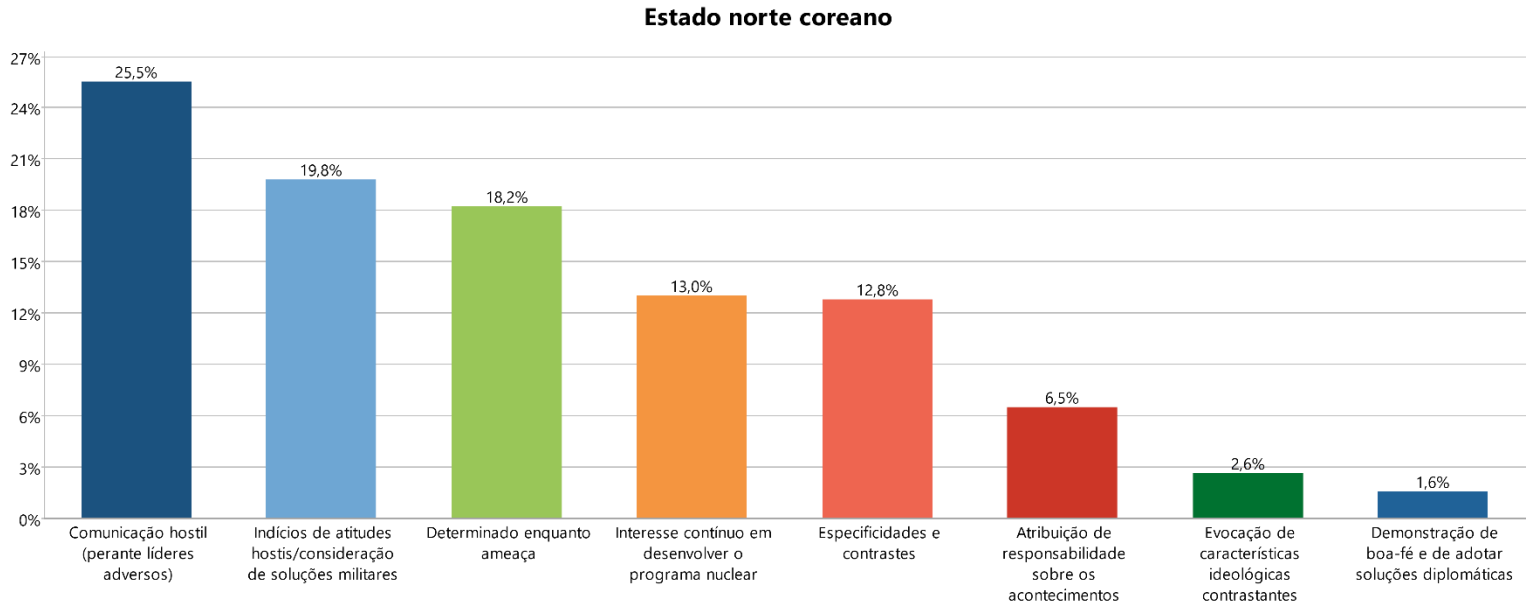


Anexo 2 – Cronograma do programa nuclear norte coreano, Público



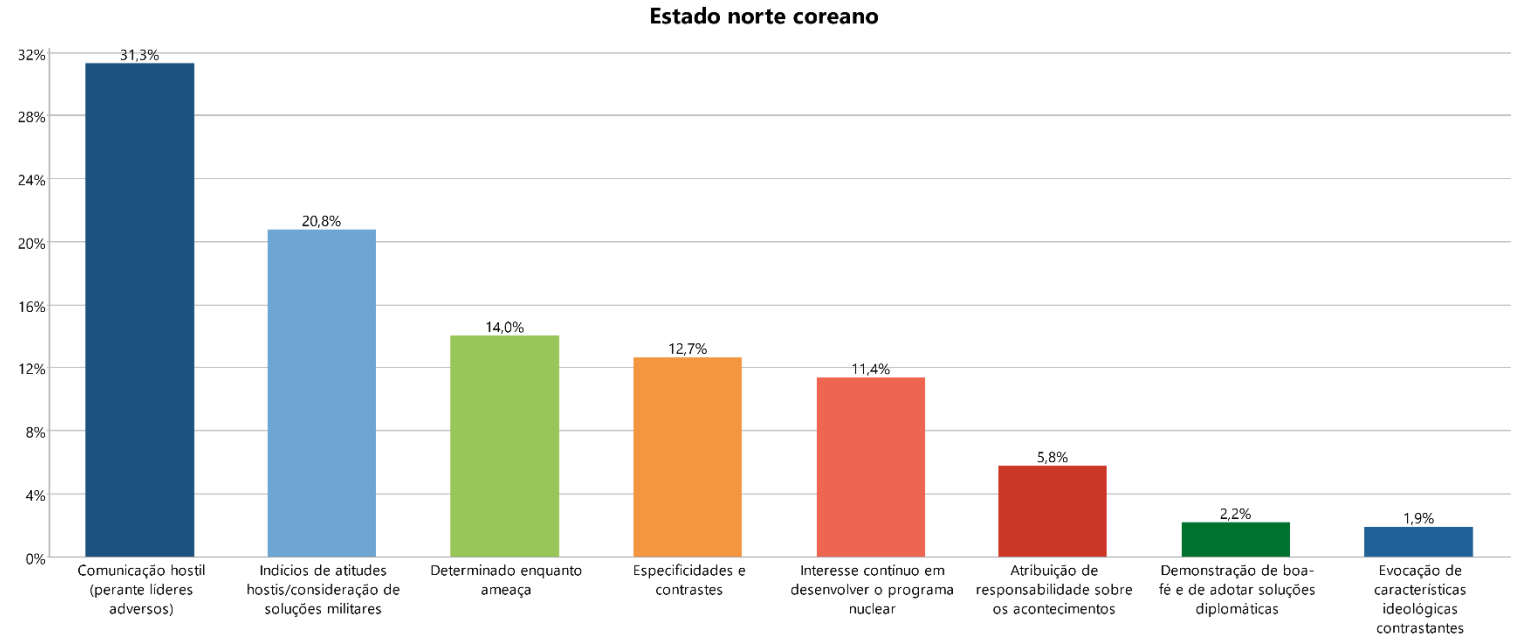
Lista de Códigos	Público	Observador	SOMA
Diplomacia			0
Reações Estados Unidos da América			0
Interesse / adoção de soluções diplomáticas	45	79	124
Incentivo às sanções económicas	32	66	98
Consideração de soluções militares	51	106	157
Constrangimentos e resistências em aplicar sanções			0
Comunicação hostil perante Coreia do Norte	3	5	8
Insultos	2	11	13
Advertências	23	29	52
Denúncias	13	22	35
Ameaças	40	36	76
Reações China			0
Interesse / adoção de soluções diplomáticas	57	76	133
Incentivo às sanções económicas	6	6	12
Constrangimentos e resistências em aplicar sanções	8	3	11
Adoção de medidas internacionais face à Coreia do Norte	23	29	52
Consideração de soluções militares	1		1
Comunicação hostil perante Coreia do Norte	2	8	10
Comunicação hostil perante comunidades internacionais		9	9
Reações Coreia do Sul			0
Interesse / adoção de soluções diplomáticas	33	5	38
Incentivo às sanções económicas	2	10	12
Consideração de soluções militares	3	8	11
Comunicação hostil perante Coreia do Norte			0
Insultos			0
Advertências	2	2	4
Denúncias	1	21	22
Ameaças			0
Reações ONU			0
Incentivo às sanções económicas	10	16	26
Aplicação de sanções económicas à Coreia do Norte	13	21	34
Interesse em manter o diálogo	2	26	28
Manifestação de receios perante agenda nuclear norte coreana	3	9	12
Consideração de respostas militares			0
Condenações por teste/lançamento de mísseis	9	19	28
Reações Japão			0
Interesse / adoção de soluções diplomáticas	1	4	5
Incentivo às sanções económicas	3	3	6
Consideração de soluções militares			0
Comunicação hostil perante Coreia do Norte			0
Insultos			0
Advertências		2	2
Denúncias	6	13	19
Ameaças			0
Reações Rússia			0
Interesse / adoção de soluções diplomáticas	15	28	43
Consideração de soluções militares			0
Incentivo às sanções económicas	1	1	2
Constrangimentos e resistências em aplicar sanções	11	8	19
Comunicação hostil perante Coreia do Norte	1	4	5
Reações Portugal			0
Condenações por teste/lançamento de mísseis	6	13	19
Apelo a soluções diplomáticas	2	12	14
Incentivo às sanções económicas	1	1	2
Alusão ao conflito na Península da Coreia			0
Governo	6	15	21
PS			0
PSD			0
BE			0
PCP	7	9	16
CDS-PP			0
PEV			0
PAN			0

Anexo 3 – Diplomacia e subcódigos



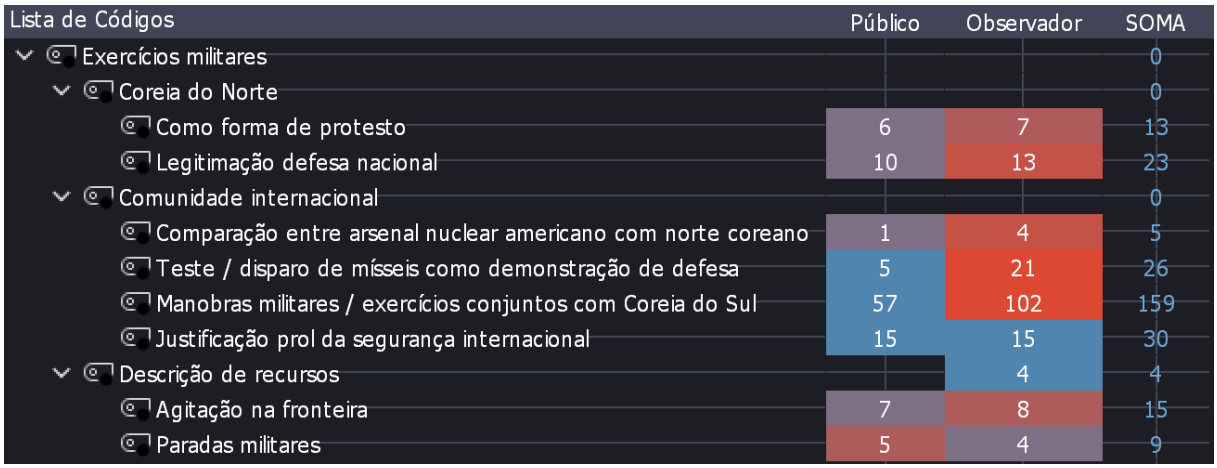
Anexo 4a – Estado norte coreano e subcódigos, Público

Total = 384



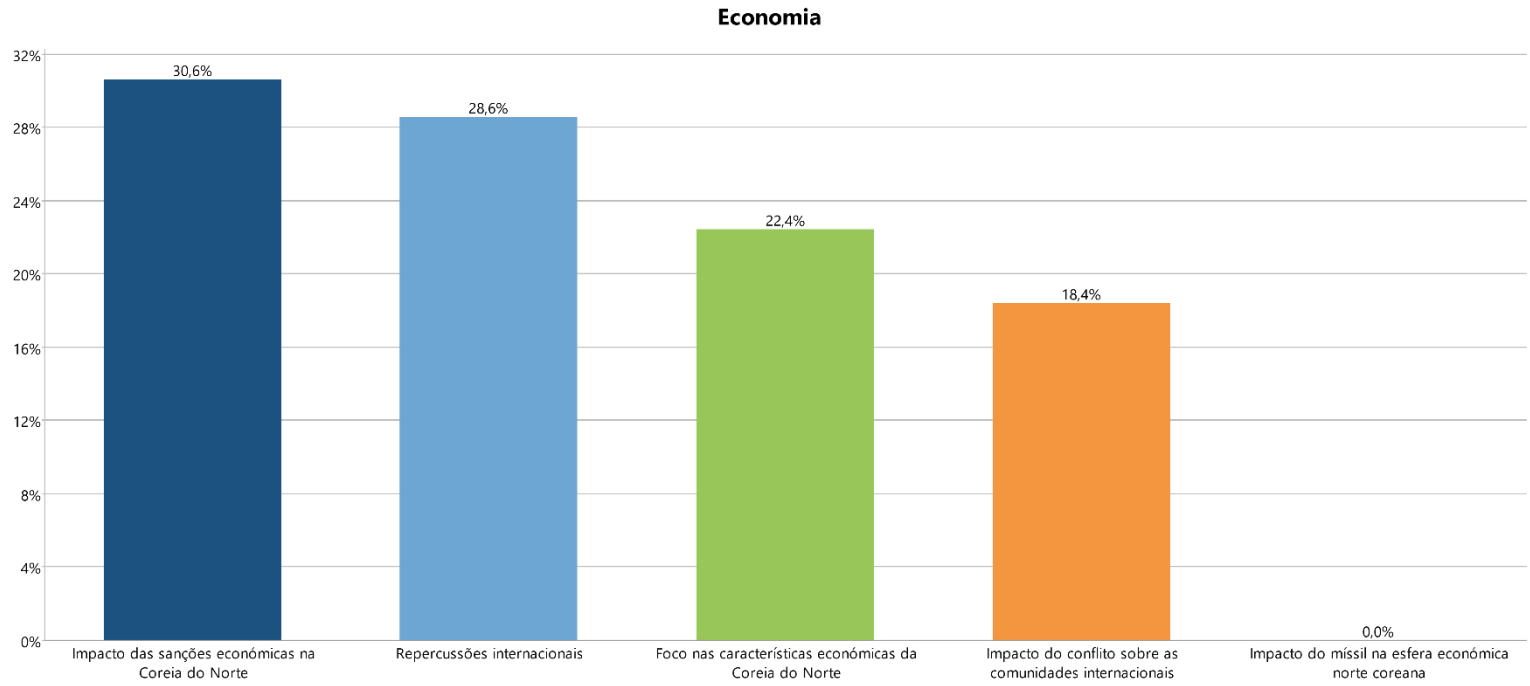
Anexo 4b – Estado norte coreano e subcódigos, Observador

Total = 693



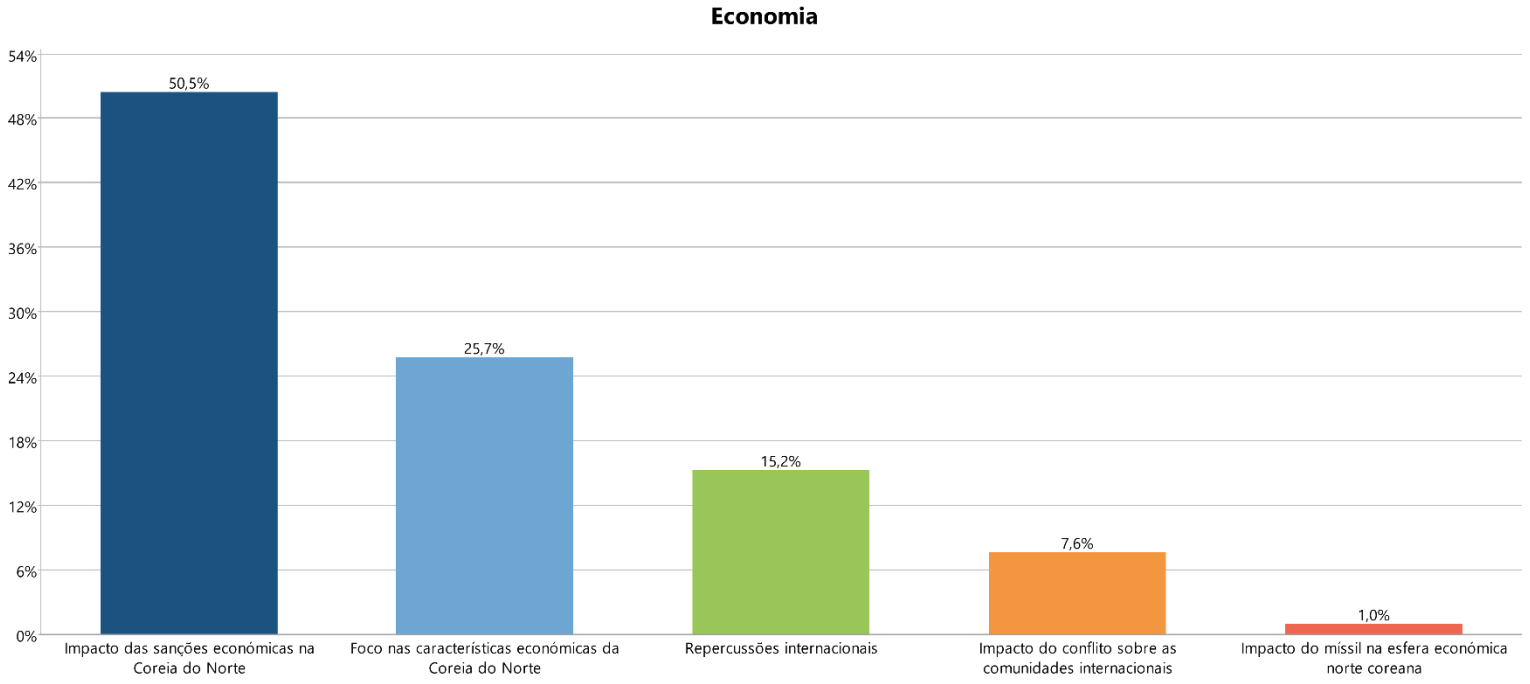
Lista de Códigos	Público	Observador	SOMA
Exercícios militares			0
Coreia do Norte			0
Como forma de protesto	6	7	13
Legitimação defesa nacional	10	13	23
Comunidade internacional			0
Comparação entre arsenal nuclear americano com norte coreano	1	4	5
Teste / disparo de mísseis como demonstração de defesa	5	21	26
Manobras militares / exercícios conjuntos com Coreia do Sul	57	102	159
Justificação prol da segurança internacional	15	15	30
Descrição de recursos		4	4
Agitação na fronteira	7	8	15
Paradas militares	5	4	9

Anexo 5 – Exercícios militares e subcódigos



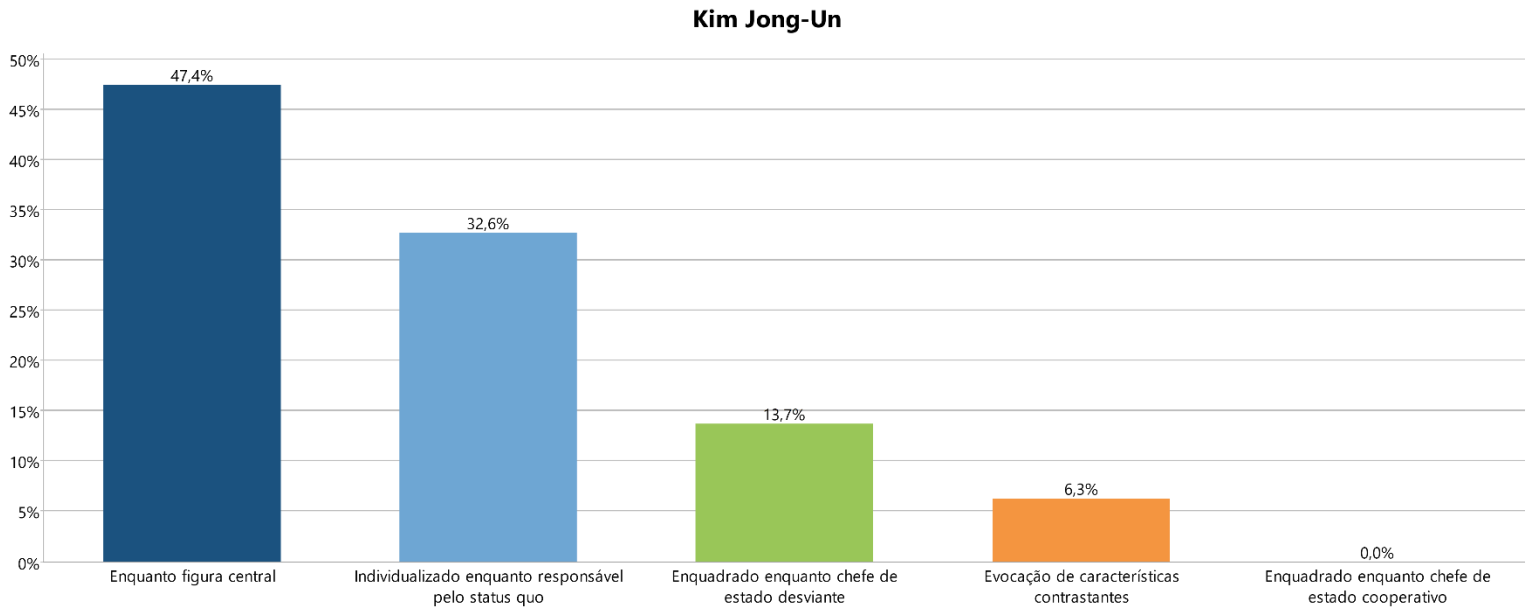
Anexo 6a – Economia e subcódigos, Público

Total = 126



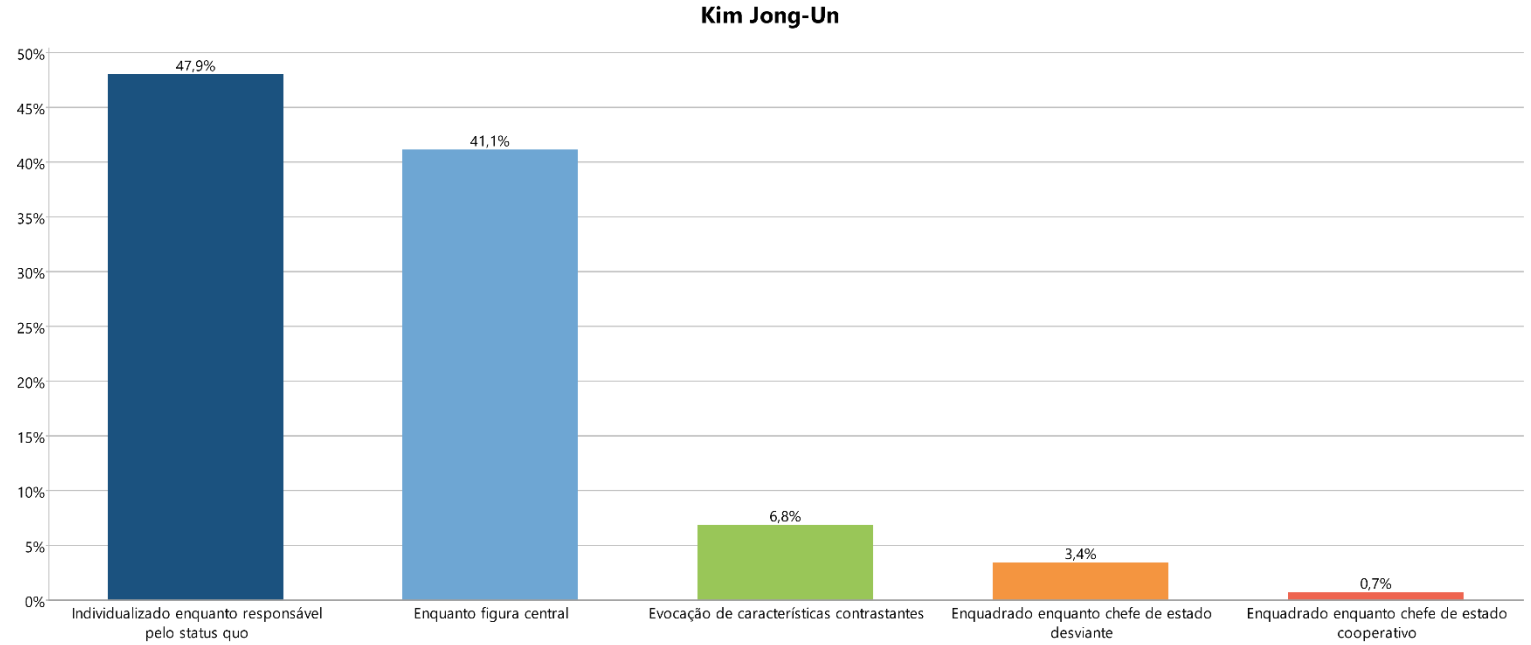
Anexo 6b – Economia e subcódigos, Observador

Total = 125



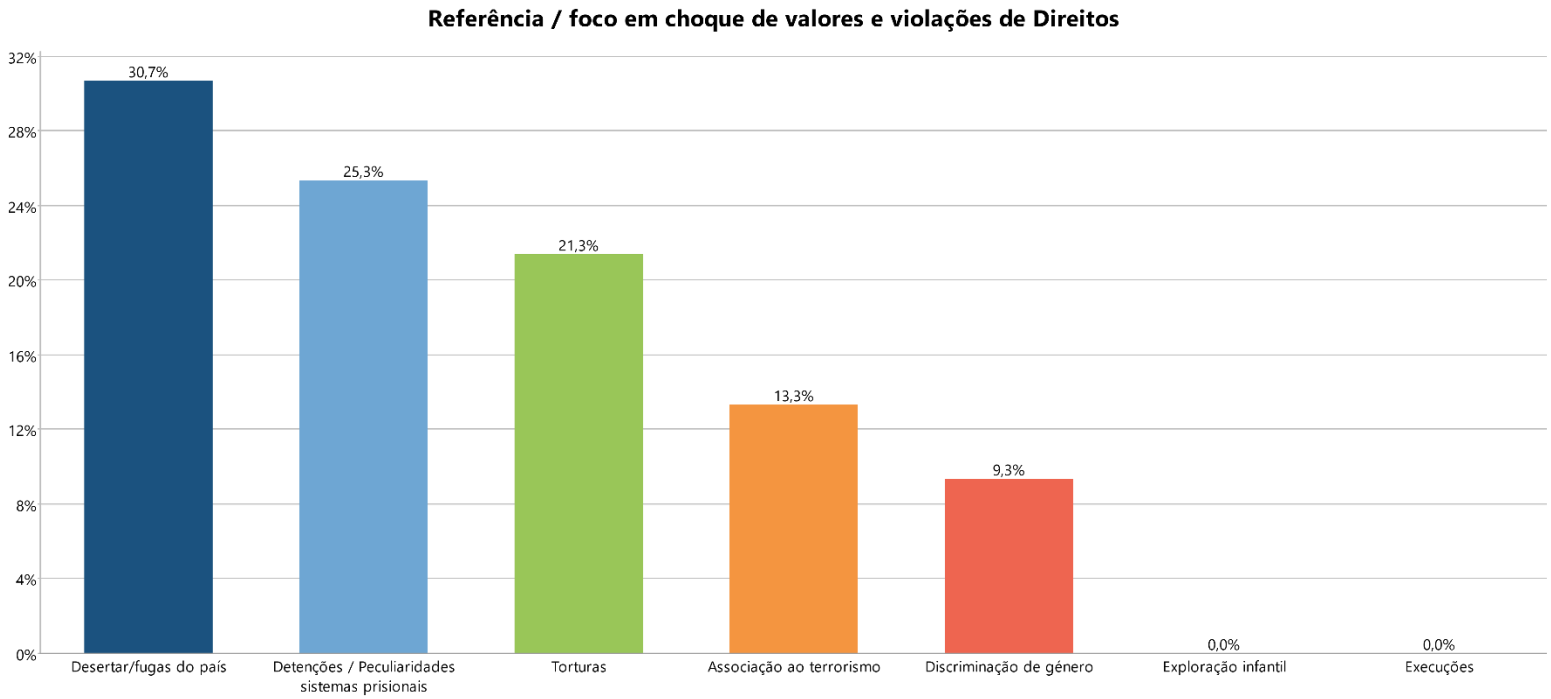
Anexo 7a, Kim Jong-un e subcódigos, Público

Total = 95



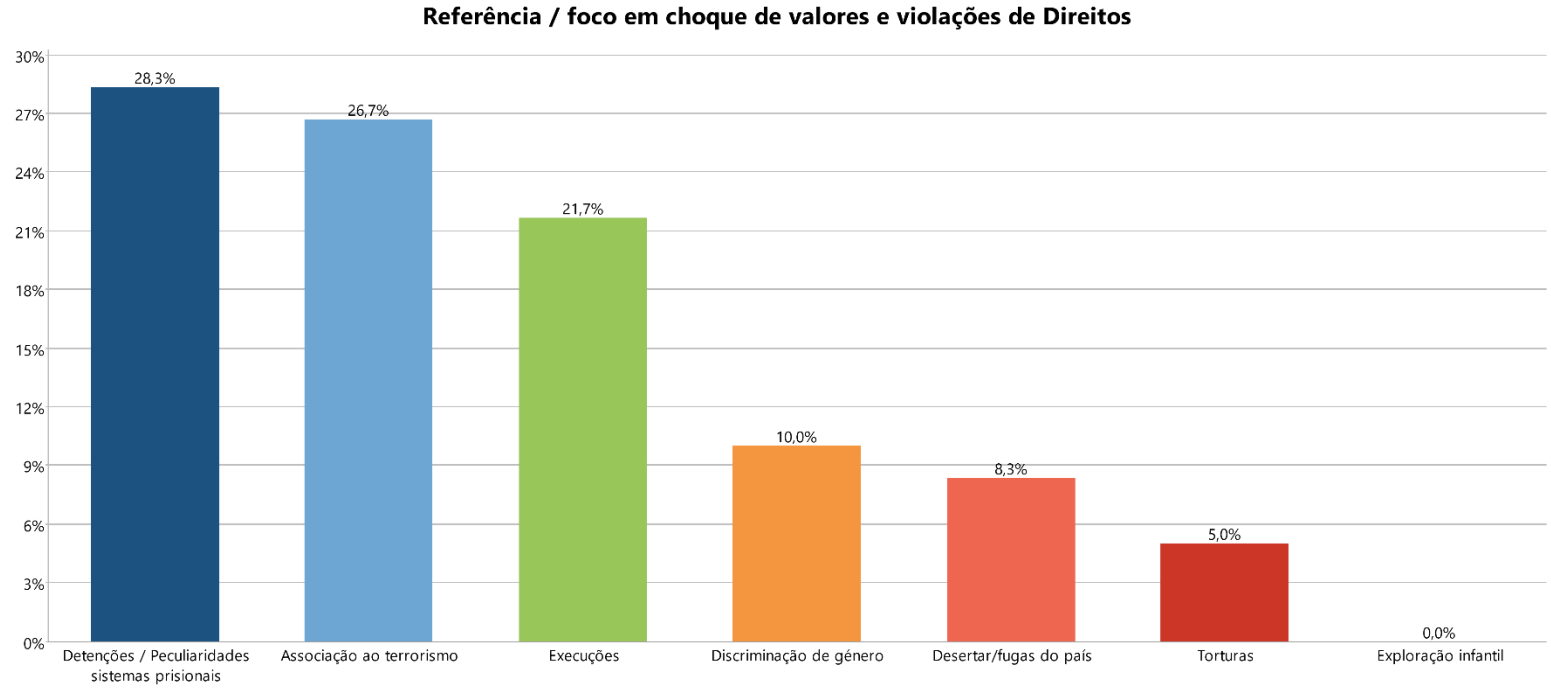
Anexo 7b, Kim Jong-un e subcódigos, Observador

Total = 145



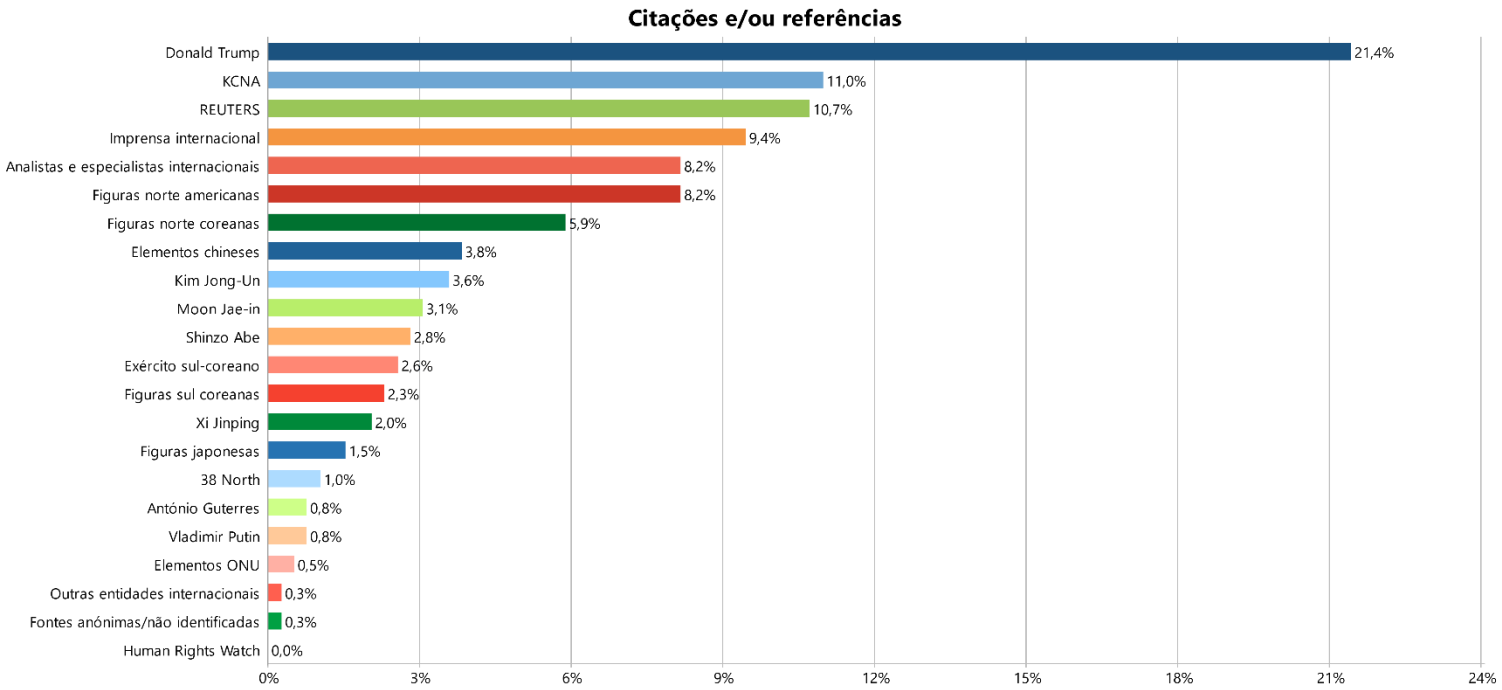
Anexo 8a, Choque de valores e subcódigos, Público

Total = 77



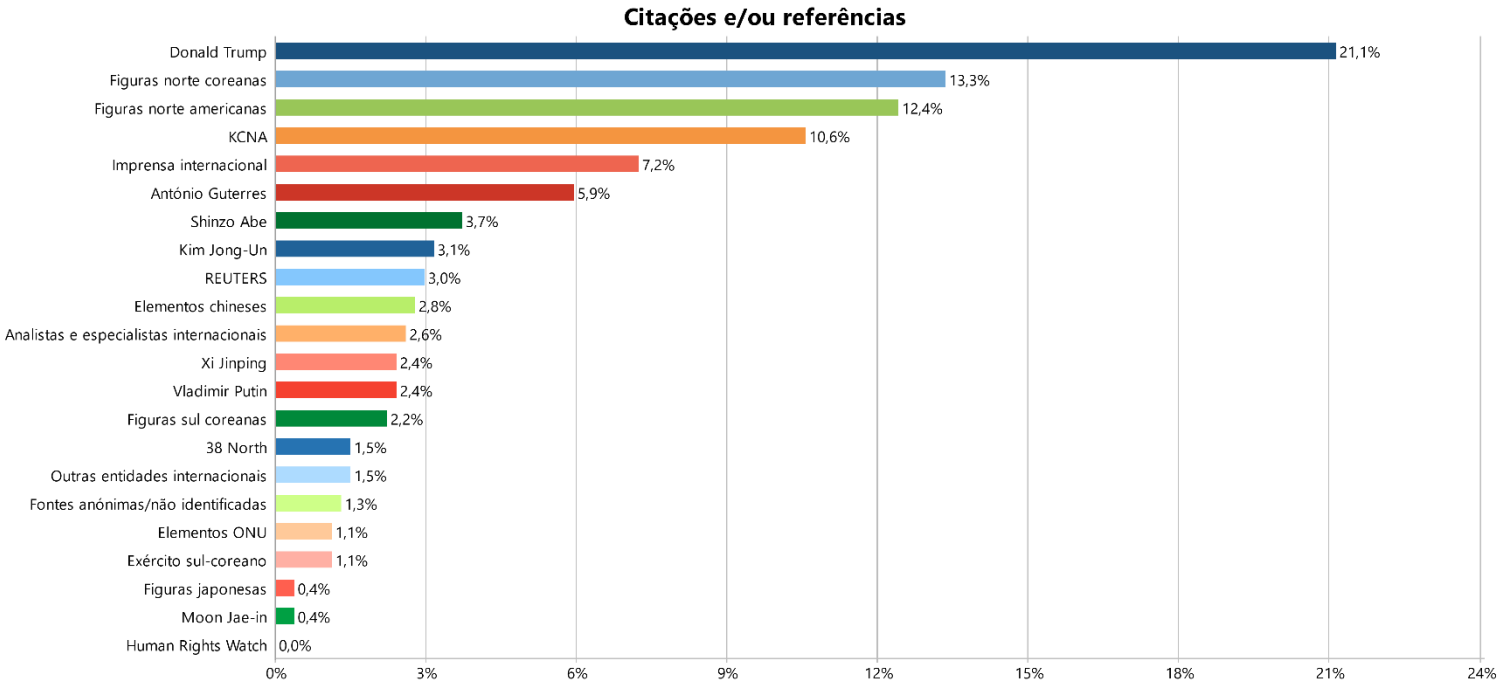
Anexo 8b, Choque de valores e subcódigos, Observador

Total = 61



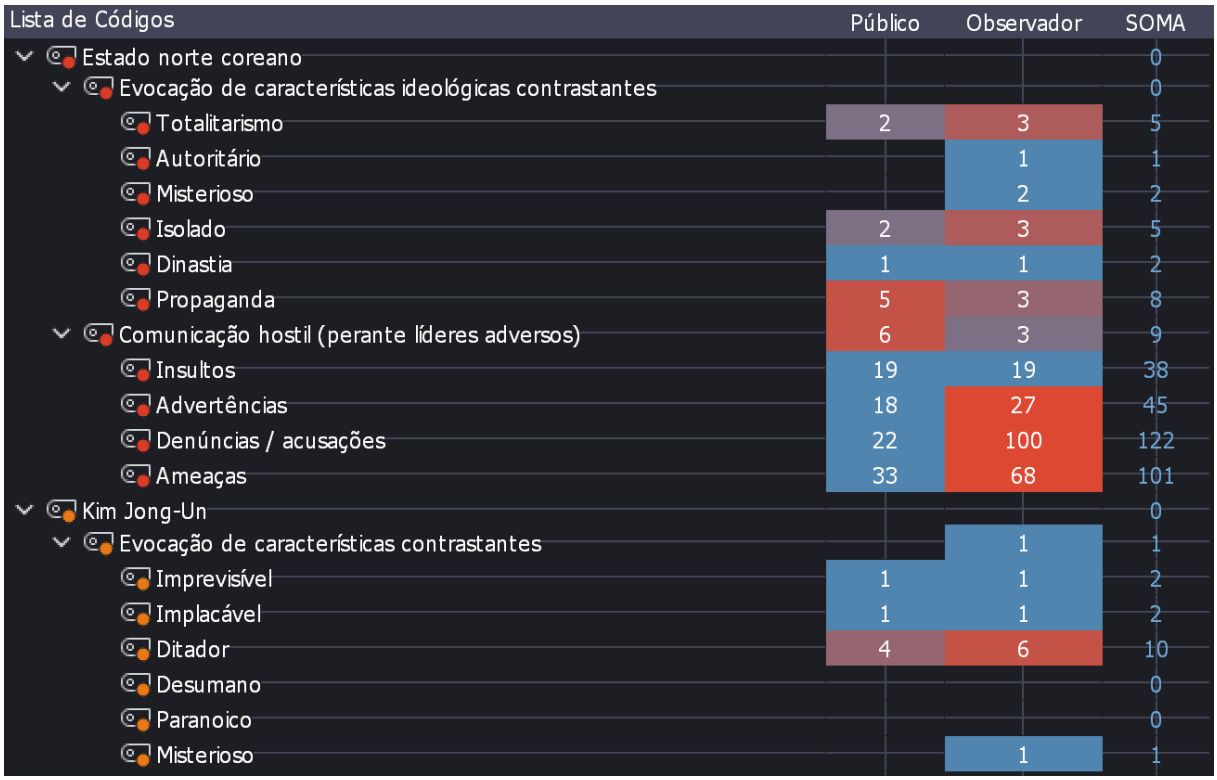
Anexo 9a, Citações e/ou referências, Público

Total = 392



Anexo 9b, Citações e/ou referências, Observador

Total = 540



Lista de Códigos	Público	Observador	SOMA
Estado norte coreano			0
Evocação de características ideológicas contrastantes			0
Totalitarismo	2	3	5
Autoritário		1	1
Misterioso		2	2
Isolado	2	3	5
Dinastia	1	1	2
Propaganda	5	3	8
Comunicação hostil (perante líderes adversos)	6	3	9
Insultos	19	19	38
Advertências	18	27	45
Denúncias / acusações	22	100	122
Ameaças	33	68	101
Kim Jong-Un			0
Evocação de características contrastantes		1	1
Imprevisível	1	1	2
Implacável	1	1	2
Ditador	4	6	10
Desumano			0
Paranoico			0
Misterioso		1	1

Anexo 10, Características contrastantes